

Anno  
1642.

Recontro com  
os Castelhanos.

les Lugares. Ja neste tempo era fentido, e sahiraõ a bufcallo duzentos Cavallos, que se alojavaõ em Bodaõ, e no Castello de Gunaldo: destes se adiantaraõ vinte a entreter a marcha de D. Sancho até chegarem os mais. Dom Sancho mandou ao Capitaõ Diogo da Fonseca com vinte Cavallos a pôr a preza em salvo, e elle com os mais que lhe ficaraõ se foy incorporar com o Capitaõ Christovaõ da Fonseca, a quem o inimigo vinha carregando: foraõ algum espaço ganhando terra; porém chegando á defeza de Albufeda, e estando ja unidas as Tropas dos Castelhanos, atacáraõ com tanta resoluçaõ aos nosos Soldados, que desbaratados voltáraõ as costas. D. Sancho ficou na retaguarda com Affonso Furtado de Mendocça Alcaide mór de Covilhãa, com outras pessoas particulares, e o Sargento mór Rozaõ Francez; o qual dando verdadeiro testemunho do seu valor, disse a D. Sancho, que era melhor perderem-se pelejando, que fugindo: e com o mesmo impulso bradou aos Soldados que voltassem a livrar as honras, e vender caras as vidas. Foy de tanto effeito esta generosa persuasaõ, que D. Sancho, que levava o mesmo intento, (como disse a Rozaõ em altas vozes) e os Soldados corridos de os correrem os Castelhanos fizeraõ alto, e lhes voltáraõ as caras. Entenderaõ os Castelhanos que esta resoluçaõ nascia de haver gente emboscada naquelle sitio, como ja em outra occasiaõ lhes haviaõ succedido. Bastou este discurso sem outro exame para ficarem de authores reos, naõ se lembrando dos Authores que fazem renacer as acçoens dos homens, e eternizallas na posteridade. Deraõ as costas ao perigo, e o rosto ao discredito. Seguiu os D. Sancho até cerrar a noite, ficáraõ muitos mortos, trouxe trinta prisioneiros, e recolheo-se a Miuzella, onde estava Fernaõ Telles; e havendo tido poucas horas de descanso, chegou avizo que D. Joaõ Soares tinha entrado naquella Provincia, e marchava na volta da Nave do Sabugal. Fernaõ Telles ouvio com tanto alvoroço esta noticia, como se tivera a victoria segura no numero das suas Tropas, e naõ fora taõ inferior o poder, com que pretendia buscar o inimigo, que se pu léraõ contar no conflicto cinco Caste.

Anno

1642.

*Busca Fernão  
Telles o inimigo  
com desigual  
poder.*

Castelhanos para pelejar com cada hum dos Portuguezes. Mas estes são os privilegios do valor, porque, multiplicando os golpes, não só faz a contenda igual, mas a victoria certa, ainda que seja superior o numero dos contrarios. Montou Fernão Telles a cavallo, e fez marchar a gente que tinha consigo, e mandou ordem a Lourenço da Costa Mimoso, para que logo remetteste cem Mosqueteiros, e a Tropa que se achava em Alfaiates, e o mesmo avizo fez a Manoel Feo de Mello a Villar Formoso. Despedidas estas ordens, marchou a buscar a estrada que o inimigo havia de levar da Nave para Castella. Quando chegou ao lugar que pretendia, achou que o inimigo tinha passado, deixando destruido o Lugar da Nave, porém era tão pouco o espaço, que com pequena diligencia avistárao os nossos batedores as suas Tropas. Chegou neste tempo a gente de Villar Formoso, e achou-se Fernão Telles com cento e cincoenta Cavallos, e trezentos Infantes. Os Castelhanos reconhecendo a nossa gente, melhorárao de sitio; porque a terra por onde marchavao era baixa, e com as muitas aguas que haviaõ chovido difficil de pizar. Achava-se D. João Soares com menos Infantaria da que havia trazido, por haver mandado alguma diante com a preza: porém reconhecendo a pouca gente que o buscava, teve a victoria por infallivel, e assim a celebrava o seu alvoroço, como se a não houvesse de ganhar á custa do mesmo sangue que o alimentava. Fundado nestas esperanças, formou as Tropas com boa disciplina, e foy receber os inimigos que o buscavao. D. Sancho Manoel reconhecendo a desigualdade do poder dos Castelhanos, persuadio a Fernão Telles que se retirasse, dizendo, que era temeridade emprender impossiveis; que muitas vezes saber excusar os perigos era tão grande gloria, como vencellos; e que devia considerar o manifesto risco a que ficava aquella Provincia exposta, se fossem desbaratados os poucos Soldados que empenhava. Do mesmo sentimento eraõ os Capitaens de Cavallo, e de Infantaria. Porém Fernão Telles, não só revestido de insigne valor, mas de grande prudencia, disse que o inimigo estava tão vizinho, que por força a retirada se havia de converter

Anno  
1642,*Resolve a pe-  
ja, e anima os  
Soldados.*

ter em fugida; e que os Castelhanos se valeriaõ sem fal-  
ta não só do excesso das Tropas, senão do temor, que os  
Soldados, voltando-lhes as costas, manifestassem; não  
podendo em semelhantes occasioens entrar melhor soccor-  
ro a quem determinava pelejar, que reconhecer o receyo  
dos contrarios; e que a questão de ser melhor pelejar,  
ou retirar-se, podia servir em outros casos, e não na-  
quelle onde o inimigo estava á vista, e haviaõ de fazer  
a retirada por huma campanha, onde não podiaõ achar  
mais abrigo, que a força dos braços, e o alento dos cora-  
çoens; e que se na occasião presente este era o unico re-  
medio, quanto mais acertado seria pelejando negar ao  
inimigo a ventagem de lhe mostrar receyo; que deviaõ  
todos lembrar-se não só do valor de que eraõ dotados,  
e da causa justa que defendiaõ, mas do Cabo que manda-  
va as Tropas dos Castelhanos, que era D. Joaõ Soares,  
o qual havia fugido deste Reino para Castella, faltando  
ao juramento, que tinha dado a ElRey, e á fidelidade a  
que o obrigava a propria natureza, afrontada de novo,  
vindo pelejar contra a sua Patria; e que aos que daquel-  
la forte faltavaõ ás suas obrigaçoens se lhes entorpecia o  
discurso para distribuir as ordens, e a mão para manear a  
espada; e que se no General, por estas razoens, haviaõ  
de achar tanta inhabilidade, nos Soldados não poderiaõ  
descobrir mayor animo, que aquelle mesmo, que para  
gloria sua tantas vezes experimentáraõ; que a guerra era  
nova, e o Reino pequeno, e que nesta consideração, ain-  
da que estivesse de permeyo o perigo, todas as empresas  
se haviaõ de governar attendendo mais ao credito, que  
ao poder, e que a opiniaõ nunca no mundo, pelejando  
com valor, se havia perdido. Tomada esta resolução, que  
todos aprováraõ, deu Fernaõ Telles a Dom Sancho se-  
tenta Cavallos, de que eraõ Capitaens Braz do Amaral,  
e Christovaõ da Fonseca, e tomou para sua guarda trin-  
ta e cinco, governados pelo Capitaõ Duarte de Miran-  
da Henriques, e a Infantaria ficou formada, não tendo  
mais que os braços por trincheiras. Vieraõ neste tempo  
os Castelhanos avançando pouco a pouco, e chegando  
perto da nossa Infantaria lhe deu huma carga: porém  
naõ

Anno  
1642.

naõ lhes fez damno pelo naõ receberem na distancia conveniente. Animados os Castelhanos desta desordem, a investiraõ: mas Fernão Telles, e D. Sancho reconhecendo o perigo, e que a nossa Infantaria vacilava, se adiantaraõ com as tres Tropas a receber a carga. Investiraõ nos os Castelhanos, e acháraõ taõ valerosa resistencia, que naõ houve Official, nem Soldado, que naõ fizesse aççoens muito finaladas. Porém como o numero era taõ desigual, chegáraõ alguns Officiaes a persuadir a Fernão Telles, a que se naõ expuzesse a tanto perigo, porque o successo estava duvidoso. Respondeo com grande fervor: que a victoria era sua, que continuassem até o conseguir. Esta constancia, e chegar neste tempo a Tropa, e os cem Infantes de Alfayates, animou de fórte a Infantaria, que cobrando novo alento, e unidos os que vieraõ aos que pelejavaõ, obrigáraõ aos Castelhanos a voltar as costas, cedendo ao seu valor. Seguiráõ nos pouco espaço, porque Fernão Telles mandou tocar a recolher, receando alguma desordem. Ficáraõ mortos 90 Castelhanos, leváraõ muitos feridos, e deixaraõ outros prisioneiros. Dos nossos soldados morreo só hum Francez, recolheraõ-se 30 feridos, entre elles Affonso Furtao de Mendoça, que pelejou valerosamente, Pedro de Sousa de Castro Capitão mór de Viseu, Miguel da Fonseca Ozorio, Gaspar de Tavora de Brito, Christovão da Fonseca Cardoso. D. Sancho mostrou que sabia discorrer antes, e pelear depois, porque a todas as partes accodio com grande valor, e prudencia: porém todos confessáraõ que ao valor, discurso, e constancia de Fernão Telles deviaõ o bom successo que logravaõ: porque naõ houve idéa que naõ formasse com juizo, nem aççaõ que naõ executasse com acerto. Voltou-se para Alfayates, e foy esta a ultima occasiaõ que teve naquella Provincia, porque se retirou para Lisboa, e proveo El-Rey o posto segunda vez em D. Alvaro de Abranches. Deixou Fernão Telles naõ só destruido o campo de Erganhaõ, que era muito povoado, e sustento de Ciudad Rodrigo, mas outros muitos lugares desde a foz de Agueda, que entra no rio Douro, até a de Elges que

*Desbarata os  
Castelhanos.*

Anno  
1642.

perde o nome no Tejo, districto que comprehende mais de 30 leguas de terra: logrou com muita felicidade, e mais industria que instrumentos, todas as acçoens que empredeo, e deixou os soldados, e paizanos com o costume de vencer, ensinados a pelejar.

Em quanto as armas de Portugal valerosamente se manejavaõ, e todas as Provincias felizmente se defendiaõ, trabalhava ElRey, fonte de todas as acçoens heroicas, por fertilizar as muitas, e distinctas plantas, que livravaõ a abundancia dos fructos lazoados, em se banharem nos seus preceitos, e confundia a politica de seus inimigos, que fundavaõ a ruina de Portugal na esperança dos seus desacertos. Porẽm naõ conseguiaõ todas as suas operaçoens a total satisfacão de seus Vassallos: porque conhecendo o seu animo demaziadamente inclinado ao exercicio da caça, em que se criara; e muito applicado a ajustar a consonancia da Solfa, entendiaõ que roubava o tempo a obrigaçaõ do governo do seu Reino e aos importantes negocios, que dependiaõ das suas resoluçoens naõ querendo os zelosos admittir a doutrina, que introduzia a lisonja no animo delRey, dizendo-lhe alguns Ministros que descansar para cançar, mais era ambiçaõ do trabalho, que desejo do descanso; e que na recreaçãõ de Sua Magestade consistia a sua saude, segurança da sua vida, alma da conservaçaõ do seu Reino. Ouvia ElRey estas vozes das Sereas do Paço, verdugos dos Principes, sepultura dos Reinos; mas para que o veneno o naõ reduzisse á ultima ruina cerrava acautelado Ulysses muitas vezes os ouvidos com os verdadeiros conselhos dos desinteressados. Porẽm naõ prevalecendo totalmente contra o damno a utilidade do remedio, e receando todos o perigo do Reino, cujo corpo sustentava a cada hum a cabeça, foy escolhido D. Joaõ da Costa, para advertir a ElRey os danos da Monarquia. Aceitou elle a commissãõ, antepondo a virtude de fallar verdade ao sentimento que ElRey podia receber de ouvila, e presentou-lhe hum memorial que continha ás razoens seguintes: Senhor, ainda que o conhecimento do meu pouco cabedal me naõ deixa confiança para esperar, que as mi-

Memorial de D.  
Joaõ da Costa.

nhas

Anno  
1642.

suas razões sejaõ uteis ao serviço de Vossa Magesta-  
 de, obriga-me o meu affecto, e o empenho da con-  
 servação da minha Patria a dizer claramente a Vos-  
 sa Magestade as defatzenções do Governo, que con-  
 demnãõ os mais interessados na conservação deste Rei-  
 no. E não basta a consideração de que podem offender  
 estas noticias o animo de Vossa Magestade para me im-  
 pedir que eu as refira, assim, e da maneira que com-  
 mumente são julgadas, ainda que a adulação as emu-  
 deça. Consta das cartas dos Governadores das Armas  
 das Provincias, que Entre Douro, e Minho não chega  
 a ter hoje 400 soldados pagos, e que estes não são se-  
 guros, porque faltando-lhes a assignação para os soc-  
 orros, faltarão elles na guarnição das Praças. Traz  
 os Montes se acha da mesma sorte. Na Beira consta a  
 Vossa Magestade por avisos muito repetidos de Fernão  
 Telles a falta que tem de soldados, de dinheiro, e de  
 todas as mais prevenções necessarias para defen-  
 sa daquela Provincia. Em Alentejo justificaõ as ultimas  
 mostras que se passãõ; que falta mais da metade da  
 gente que ja teve; em particular os Regimentos Ho-  
 landezes, que quasi todos estão desbaratados. O con-  
 trato, que se fez para a conservação da gente que fi-  
 cou naquella Provincia, não basta, nem poderá persis-  
 tir, se divertirem, como se costuma, aos contratado-  
 res as assignações que se lhes offerecem; de que re-  
 sultará não só perderem-se estes, mas tambem os que  
 adiante se celebrarem, pela falta de credito com que  
 ficarão os Ministros de Vossa Magestade. O Reino do  
 Algarve não tem meyo algum de se defender. Cascaes,  
 Peniche, S. Philippe, e Outão se achão taõ destituidas de  
 guarnições, que em melhor estado conservavaõ os Cas-  
 telhanos estas fortalezas, quando não temiaõ a invasão  
 de inimigos taõ poderosos. Os Armazens desta Cidade se  
 vem desocupados, sendo taõ necessario vêlos preveni-  
 dos. Lisboa sem esperança de se fortificar, e o Castello  
 sem cuidado de se pôr em melhor defen-  
 sa, os Terços da  
 Ordenança não tem exercicio, e os fidalgos, e gente no-  
 bre estão sem armas, e sem fórma, e todos incapazes de

Anno  
1642

acodirem aos muitos, e perigosos accidentes a que estamos expostos. O Brasil consideramos arriscado a ser despojo dos Hollandezes, como o tem sido Angola, e S. Thomé, e tudo, Senhor, vemos em estado tão perigoso, que parece que nos conservamos só pela impossibilidade de nossos inimigos. Deste lethargo procede a desestimação que soffremos aos Estrangeiros, e o desalento que experimentamos nos naturaes; entendendo que não tarda mais a sua ruina, que em quanto se não melhora o partido de Castella: e desta supposição se pôdem temer resoluções mais nocivas ao estado presente, que o damno da guerra. Soltamente murmura o Povo, e sente a Nobreza com grande excessão a pouca attenção, com que se acode às materias em que consiste a defenſa do Reino: dizem que o Conselho de Guerra não tem sufficientes Ministros, e que quando acertão em algumas propostas convenientes à boa disposição da guerra, que V. Magestade as não admite, prevalecendo o Conselho de outras pessoas que tem muito menos noticia da arte militar: reparaõ em que havendo anno e meyo que V. Magestade tem a Coroa na cabeça, não assistio hum só dia no seu Conselho de Guerra, gastando muitos em outros Tribunaes, e em occupaões menos precisas para a defenſa do Reino: dizem que he grande a confusão das ordens do Conselho da Fazenda, e por V. Magestade não attender a ella, se perde a mayor parte: as decimas seculares, bens de ausentes, e confiscados, e as Cõmendas vagas não se cobraõ por iguaes inconvenientes. Julgo tambem preciso advertir a V. Magestade que vejo todos os negocios decididos pelos quatro Conselheiros de Estado, com quem V. Magestade despacha, e entendendo que não tem as noticias, e disposições necessarias, para poderem encaminhar as materias q̄ tocaõ à guerra: e só serve esta forma de governo de dilatar os despachos, e peyorar as resoluções. E assim convem que V. Magestade se conforme o mais que for possivel, com as consultas dos Tribunaes, porque ainda que ignorem muito, entendem melhor do seu officio, que os Ministros

Anno  
1642.

tros do despacho, do alheyo. As contribuiçoens dos  
 Povos, applicadas á guerra, tem grandes divertimen-  
 tos; e os soldados além de mal pagos, são muito des-  
 favorecidos dos Ministros, negandolhes não só os des-  
 pachos, mas as palavras cortezes, que obrigaõ muito,  
 e custão pouco. Mas este mão termo nasce, de que co-  
 mo senão criaraõ na guerra as pessoas de que V. Magestade se serve, não sabem pezar quanto importa gran-  
 gear os soldados por todos os caminhos. Porém mais  
 que tudo ouço que sentem todos não se inclinar V. Ma-  
 gestade muito ao exercicio militar; e juntamente que  
 abraça a pratica de senão fazer caso do poder dos Caste-  
 lhanos: veneno taõ prejudicial, que nasce da malicia  
 dos que não querem que se trate da defenfa do Reino,  
 a que V. Magestade he taõ obrigado como à sua pro-  
 pria vida. Este he, senhor, o estado em que se acha  
 Portugal, e esta a voz commua de todo o Reino, com  
 taõ pouca exceiçaõ, que só os dependentes de Castel-  
 la deixaõ de pedir a V. Magestade com lagrimas o re-  
 medio. E por este respeito entendi que era obrigado:  
 como quem ama tanto o serviço de V. Magestade, a  
 referir sem rebuço o meu sentimento, para que antes  
 de chegar o damno, se possa divertir o perigo: porque  
 se eitando os inimigos com taõ poucas forças, nós ou-  
 tros nos consideramos em tanto risco, que será, se-  
 nhor, se por algum dos accidentes que pódem sobre-  
 vir, melhorarem o seu partido, vendose delembara-  
 çados da guerra de Catalunha, de França, e Holanda,  
 que agora os diverte? O remedio que julgo mais pro-  
 porcionado, e a pedra fundamental deste edificio, pa-  
 rece que será attender V. Magestade ao governo, e  
 melhorar os Conselheiros, pondo nos Conselhos de  
 Guerra, e Fazenda os mais expertos sujeitos destes dous  
 exercicios, que se acharem no Reino, e authorizar  
 V. Magestade estes Tribunaes com sua assistencia, ao  
 menos huma vez na somana. E quando V. Magestade  
 averiguar que a fazenda que hoje ha, não basta para a  
 defenfa do Reino, devem buscar-se meynos de se aug-  
 mentar; proporcionando os tributos quanto for pos-



Anno  
1642.

sivel, repartindo o dinheiro pelas Praças mais arrisca-  
 das, e pelos soldados peyor soccorridos; porque desta  
 sorte seraõ sem duvida seguros, e felices os successos  
 das armas de V. Magestade. Tambem será muito con-  
 veniente, para desvanecer a opiniaõ do Povo, favore-  
 cer V. Magestade as artes militares exercitando-se nel-  
 las pessoalmente: porque todos bulcarãõ a guerra,  
 vendo que V. Magestade se deita em formar es-  
 quadroens de Cavallaria, meter Terços em batalha,  
 visitar as officinas de artilharia, e as fortificaçoens, e  
 applicarse as mais artes, e instrumentos bellicos, ex-  
 ercicios todos regios, dignos do alto coração de Vossa  
 Magestade, e approvados com exemplos dos mayores  
 Principes do mundo. Com estas opperaçoens exercita-  
 das pouco tempo, terá V. Magestade muito menos tra-  
 balho, o Reino se verá defendido, o amor nos Vassal-  
 los seguro, e a reputaçãõ nas naçoens Estrangeiras aug-  
 mentada, vendo que V. Magestade segue os passos de  
 aquellos Principes, que nas virtudes proprias fundáraõ, e  
 estabeleceraõ os Imperios. Achando V. Magestade nes-  
 tas occupaçoens inteira satisfaçãõ, esperamos sem du-  
 vida que V. Magestade se resolva a passar á Provincia  
 de Alentejo, a ver o seu exercito, e animar os seus  
 soldados. Desta resoluçãõ resultará terror aos contra-  
 rios, e aos amigos confiança, não haverá Vassallo al-  
 gum de Vossa Magestade que se exima do exercicio da  
 guerra, nem haverá cabedal que se recate para o susten-  
 to della: porque ao Principe, Sol da Monarquia, cos-  
 tumaõ a corresponder as plantas dos Vassallos com pro-  
 porcionadas finezas ás que grangeaõ, e com iguaes be-  
 neficios aos que recebem. Repartirá V. Magestade pe-  
 los soldados, conhecendo-os, os premios sem desigual-  
 dade; e desta consonancia resultará a segurança das vi-  
 ctorias. V. Magestade com seu soberano juizo resolve-  
 rá o que mais convier á conservação deste Reino, e á  
 utilidade de seus Vassallos, para qua o Principe nosso  
 Senhor, depois de muitos annos que ha de durar a  
 vida de V. Magestade, logre seguro, e felice este  
 Imperio.

Admitte

Admittio ElRey a verdade, e pureza destas razões com muito agrado, e ponderou-as com grande prudencia. Resultou desta reflexão despedir soccorros a todas as fronteiras, attender com cuidado ás conſignaçoens que ſe davão, e attalhar as que ſe divertião, e determinou paſſar a Alentejo a Primavera ſeguinte. Para executar eſte ſeu intento, o mandou propor aos Conſelheiros de Eſtado, dizendo; que a guerra de Catalunha era a mais util diverſão que eſte Reino conſeguia; e que nenhuma outra poderia deſfogar mais aos Catalaens, que entrarem em Caſtella as armas de Portugal: não ſendo ſó eſte o intereſſe que resultava á ſua Coroa do intento que propunha, ſenaõ tambem outro mais eſſencial, que era a reputação das armas, e a ſatisfação dos Principes alia- dos: porém que não queria tomar a ultima reſolução, ſem entender os pareceres dos Conſelheiros: e que junta- mente ordenava a cada hum delles, que declarassem o ſeu voto: que exercito bastaria para aquella Campanha: e que Praça devia eleger para formar o exercito. Foraõ varios os pareceres dos Conſelheiros de Eſtado. Hum dos que votavaõ com mayor acerto nas materias mais impor- tantes daquelle tempo; era o Marquez de Montalvaõ. Foy o ſeu voto da ſubſtancia ſeguinte. „ Que elle estre- „ tava o ſeu entendimento á propoſta que Sua Mageſtade „ mandava fazer, esperando ter occaſião de representar „ a Sua Mageſtade as duvidas que ſe lhe offerenciaõ ſobre a „ jornada, que Sua Mageſtade queria fazer a Alentejo: e „ que reſpondendo ſó ao que ſe lhe perguntava, dizia: „ que hum dos pontos mais principaes, a que ſe devia at- „ tender, era occultarſe que Sua Mageſtade determinava „ paſſar a Alentejo, e juntamente a Praça de Caſtella „ aonde ſe houveſſe de empregar o exercito, para que o „ inimigo ſenaõ preveniſſe, e a não baſteceſſe: que da „ meſma ſorte convinha que as noſſas Praças de mais im- „ portancia eſtiveſſem bem fortificadas, e guarnecidas; „ porque ſe o inimigo intentasse a diverſão, nos não foſſe „ neceſſario hum exercito para a conquista, outro para a „ deſenſa: e que ſuppoſta eſta prevençãõ, lhe parecia „ que o exercito conſtaſſe de doze mil Infantes pagos, e

Anno  
1642.

*Admitte ElRey  
o Memorial de  
D. Joaõ da Coſ-  
ta, e manda  
propor ao Con-  
ſelho de Eſtado  
ſe deve paſſar  
a Alentejo.*

*Voto do Mar-  
quez de Mon-  
talvaõ.*

Anno  
1647.

8000 Auxiliares, de 2000 Cavallos, e 30 peças de artilharia, 20 grossas, e 10 de Campanha, 4 morteiros, todas as muniçoens, mantimentos, e bagagens para sustentar este Corpo, e todos os Officiaes que faltavaõ para o animarem: e que tudo o referido convinha que se prevenisse com tempo, e com abundancia, repartindo cada operaçãõ por diferentes Ministros, sendo todos obrigados a dar conta a Sua Magestade do effeito da sua diligencia: e que sobre tudo era necessario ajustarem-se consignaçoens certas de dinheiro, columna, e capitel da guerra: que a Praça que devia de eleger para formar o Exercito, era Estremós: a qual devia prevenir-se com grande attençãõ muito anticipadamente; e que com a mesma se deviaõ dispor as guardas de sua pessoa; e que todas estas materias pela importancia dellas mereciaõ particular ponderaçãõ; que esperava que Sua Magestade dispuzesse o que fosse mais conveniente a seu serviço. Depois deste parecer fez o Marquez de Montalvaõ hum papel que deu a ElRey, que continhá estas razoens: „ Senhor, depois de me ver desobrigado dos preceitos da proposta, que V. Magestade mandou fazer ao Conselho de Estado, sobre a resoluçãõ de passar a Alentejo, me pareceo representar a Vossa Magestade as duvidas, que se me offerece nesta jornada. Aceite Vossa Magestade esta minha confiança, lembrando-se do meu zelo, onde Vossa Magestade encontrará affectos que a desculpem. Parece-me que o perigo de Vossa Magestade se auientar de Lisboa he de qualidade, que não póde recompensallo outro algum interesse. E como as Monarquias seguem o estillo dos corpos humanos, he necessario aos Medicos prudentes, não só tentar o pulso para conhecerem os males que padecem, senãõ tambem averiguar a origem donde procedem, para lhe applicarem remedios proporcionados. Tirou Vossa Magestade a Castella justissimamente este Reino depois de 60 annos de posse: e he infallivel que em tanto tempo, e tantas alianças, como houve entre as duas Coroas, produzisse o interesse ou maldade muitos affeiçoados ao partido de Castella, como já

„ se

Anno  
1642.

se tem experimentado nos que se declaráraõ, e se deve temer dos que se recataõ só obrigados do receyo, estimulados das diligencias dos Castelhanos, de quem eu temo mais a manha que a força, mais o silencio que o ruido. Nesta incerteza de animos não pôde ser conveniente que a Real pessoa de Vossa Magestade se aparte da sua Corte, Cabeça de todo o Reino, a que esta Cidade costuma dar Leys; principalmente achando-se ella sem fortificação alguma, e não podendo ficar com numero sufficiente de gente paga. Tambem me obriga a recear muito o perigo da pessoa de Vossa Magestade, não só o zelo, e o amor, mas a madura consideração; porque he de crer que de Castella procurem a offensa de Vossa Magestade, não perdoando aos meyois mais illicitos. e esta idea ensina que não he tempo de V. Magestade andar entre o estrondo das armas. A estes forçosos reparos, se leguem outros tambem de grande importancia. Se Vossa Magestade empenha na guerra a sua Real Pessoa, poem o mundo em esperanças de grandes emprezas, as quaes pôdem faltar por accidentes insuperaveis. e se não succederem, ficarão os contrarios mais animosos, e os amigos menos confiados. O tempo ainda não permite, que Vossa Magestade se ponha diante dos seus exercitos. e a não ser assim, ao mesmo exercito convém, que Vossa Magestade se não aparte desta Corte, donde devem sahir todos os soccorros capazes de o alimentar, não havendo mais que 30 leguas de distancia, que he a menor em que pôde assistir hum Principe, quando não delibera achar-se pessoalmente nas facçoens militares. Neste sentido, Senhor, sou de opinião, que Vossa Magestade dê a entender que vay a Alemtejo, para que as prevençoens sejam mais promptas, e que tanto que o exercito estiver prevenido, Vossa Magestade o entregue a pessoa de que fizer mayor confiança, dando-lhe por segundos Cabos os que tiverem mayores experiencias. e alcançando as Armas de Vossa Magestade os felices successos, que eu espero, entãõ poderá ser tempo de Vossa Magestade fazer com a sua pessoa alguma demonstração, porque hum

j. feliz

Anno  
1642.

*Prevalecem as  
razoens do  
Marquez de  
Montalvão.*

*Passa-se Salva-  
dor de Mello  
com 300 Sol-  
dados ao ser-  
viço do Rey.*

*Dá ElRey hãz  
Comêda, e a Ca-  
pitania mór de  
Bragança a Sal-  
vador de Mello.*

*Chegão de Cas-  
tella D. Frãcis-  
co de Azevedo, e  
Alvaro de Sousa*

o feliz principio facilita grandes difficuldades. Fez em ElRey grande mudança este parecer do Marquez de Montalvão, porque ponderadas bem as razoens por huma, e outra parte, ainda que as de D. João da Costa eraõ muito efficazes, e generosas, as que o Marquez offerecia incluhiã materias muito importantes: e depois de largos debates, prevaleceraõ nesta occasiã. Chegou neste tempo a Lisboa Salvador de Mello com 150 soldados Portuguezes. Achava-se na Villa de Praga nos confins de Aragaõ, tanto que lhe chegou a noticia de que ElRey era acclamado, fingio que intentava huma enterpreza: sahio depois do Sol posto da Villa com os soldados, e declarou-lhas que o seu intento era passarse a Barcelona, para se embarcar naquelle porto para Portugal. Todos lhe approvãrã a resoluçã, e antes de amanhecer estavaõ seguros em Catalunha. Chegãrã a Barcelona, achou Salvador de Mello dinheiro, que para este fim o Padre Ignacio Mascarenhas havia deixado naquella Cidade. Unio aos que levava outros 150 soldados, que achou em Barcelona, com esta gente incorporada atravessou França, chegou a Arrochela, aonde tambem achou dinheiro, que ElRey havia mandado áquella Cidade para os Portuguezes que chegassẽ a ella: embarcou 150 que mandou diante, e com os outros entrou em Lisboa. Deo-lhe ElRey huma Comenda, e o posto de Capitã mór de Bragança. Os soldados se dividiraõ pelas fronteiras, e passãrã depois muitos a grandes postos. No mesmo tempo chegãrã de Inglaterra D. Francisco de Azevedo, e Alvaro de Sousa. Achavaõ-se em Madrid, quando ElRey se acclamou; passãrã a servir a Flandes, donde facilmente acharãõ embarcaçã para Londres, de Londres se embarcarã para Lisboa. Recebeo-os ElRey com a demonstraçã que merecia a sua fineza, grangeando com ella ficarem muito poucos Portuguezes servindo aos Castelhanos. E destas, e outras politicas lhe era necessario usar, para fenaõ desvanecer a gloriosa, e incerta açãõ que emprendera.

Determinou ElRey mandar segunda embaixada a França, por ser a parte aonde eraõ mais seguras as dependencias

pendencias, na consideração dos interesses que resultava a Coroa de França da guerra de Portugal, sem contorvercia, o mais abonado fiador das alianças dos Principes. Elego El Rey por Embaixador de França a D. Vasco Luiz da Gamma Conde da Vidigueira. Era avaliado por muito capaz desta occupação, ainda que de poucos annos: mas como deste vicio, conforme o discurso de hum cortezaõ, se emendaõ os homens todos os dias, concorrendo no Conde da Vidigueira as outras virtudes, desempenhou no acerto da Embaixada o conceito que se formava del- le. Partio de Lisboa a 9 de Abril, e levou por Secretario da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, que antes havia passado a Dinamarca, e Suecia com a mesma occu- pação. Depois de experimentar alguns dias o vento con- trario, chegou a Arrochela a 4 de Mayo, desembarcou, e foy hospedado magnificamente do Graõ Prior de Fran- ça. Delle soube, que El Rey Christianissimo era partido a sitio Perpinhaõ. Com esta noticia sahio de Arrochela a buscar a Corte: atreveffou a mayor parte de França, e por todos os lugares por onde passou, foy examinando as Reliquias de mayor veneração, os edificios de mayor es- plendor, e antiguidades de mayor preço. Fez alto em Narbona cem leguas de Arrochela: em Narbona achou doente ao Cardeal Richilieu de huma grave enfermidade que havia trazido do exercito, e no mesmo dia por me- lhorar de sitio havia sahido em hum leito aos hombros dos soldados (que nem aos que seguem este generoso ex-ercicio saõ os validos pezados) para Buciers, cinco le- guas distante. O Conde mandou ao Secretario da emba-ixada pela posta a dar conta ao Cardeal de como havia che- gado. o mesmo aviso fez a El Rey ao exercito, que lhe or- denou passasse a Buciers, dizendo-lhe que a incommodi- dade que havia no exercito para o receber, fazia força a dilacão. Dentro de poucos dias veyo El Rey doente para Buciers, e seguindo os mesmos passos do Cardeal, passou a Avinhaõ, donde o seguiu o Conde da Vidigueira: foy de Avinhaõ a Pariz, e acabando a vida naquelles dias a Rainha Mãe, se deteve El Rey alguns dias em Ponte Neblõ. Tanto que El Rey chegou a Pariz, deu audien-

Anno  
1642.

*Elege El Rey o  
Conde da Vidi-  
gueira por Em-  
baxador de  
França.*

*Tem Audiencia  
del Rey o Conde  
da Vidigueira.*

Anno  
1642.

cia ao Conde. Foy conduzido de huma quinta, onde estava fóra da Cidade, do Matichal de S. Luca, e recebendo o El Rey, e a Rainha com todas as ceremonias costumadas, lhe nomeáraõ Chavignô Secretado de Estado dos negocios fóra do Reino, para conferir os da sua embaixada. Os primeiros que o Conde tratou com mais calor, foraõ a liberdade do Infante D Duarte, e de que o Summo Pontifice aceitasse a embaixada do Bispo de Lamego. Porém nem huma, nem outra cousa teve effeito, pelas razoes acima declaradas. Tratou o Conde com todo o calor da liga formal entre as duas Coroas: porém, tendo dado principio a este negocio com boas esperanças de o conseguir, acabou a vida o Cardeal Duque de Richilieu, e variando no governo de França todos os Ministros, começou a tratar de novo com o Cardeal Julio Massarini, que succedeo ao de Richilieu, elegendo o El Rey por primeiro Ministro daquella Coroa. Continuou o Conde as negociaçoens propostas, e outras de grande importancia com o successo, que em seu lugar referiremos.

*Morte do Cardeal Richilieu.*

*Succede o Cardeal Massarini.*

Huma das materias que neste tempo dava a El Rey mayor cuidado, era a perda de Angola, S. Thomé, e Maranhão: porque recuperar tantos lugares por força em partes taõ diversas, parecia muito difficil, durando a guerra dos Castelhanos, e sendo os Holandezes taõ poderosos; e reduzir os Estados com razoes depois de estarem de posse, havendo elles sido Authores de toda a cavilação, era quasi impraticavel. Porém como outros relevantes respeitoz faziaõ forçosa esta diligencia, naõ sendo menos consideravel mostrar ao mundo o enganoso procedimento dos Holandezes, mandou El Rey ordem a Francisco de Andrade Leitaõ, que assistia em Inglaterra, para que passasse a Holanda a representar aos Estados o injusto procedimento dos Governadores Holandezes, que assistiaõ no Brasil: porque quando naõ conseguisse o effeito que se procurava, ao menos entenderia a resolução dos Estados, para se procurarem os meyoz de recuperar os damnos padecidos no Brasil. Logo que Francisco de Andrade recebeu a ordem del Rey, passou de Londres a Holanda; tanto que chegou a Haya, naõ lhe dilatando

*Passa a Holanda Francisco de Andrade Leitaõ*

os Ministros a audiencia que pedio, lhes mostrou em  
 hũa larga oração: „ A injustiça com que os Hollande-  
 zes do Brasil haviaõ occupado o Reino de Angola, S.  
 Thomé, e Maranhão, tendo ja noticia certa de que  
 El Rey D. João era acclamado em Portugal, e de que  
 aquelles Estados haviaõ admittido Tristaõ de Mendo-  
 ça seu Embaixador, e ajustado com elle tregoas por dez  
 annos, assim desta, como daquella parte da Linha, e  
 de que as forças dos Estados se haviaõ unido ás de Por-  
 tugal, em prejuizo del Rey Catholico, inimigo de hu-  
 ma, e outra Nação; e que além de terem por muitas  
 vias a certeza de todos estes successos, os Governado-  
 res das Praças, que cautelosamente rendêraõ, quando  
 chegáraõ a ellas, lhe fizeraõ presente tudo o referido  
 para que em nenhum tempo podessem cobrir o seu en-  
 gano com a capa da ignorancia: e que sem embargo  
 destas admoestaçoens, se haviaõ mettido de posse das  
 Praças, fazendo-se inimigos daquelles que os receberaõ  
 como hospedes; e que convencidos das razoes que  
 os Governadores Portuguezes lhe representaraõ, res-  
 pondêraõ, que haviaõ dado conta aquelles Estados,  
 cuja resolução esperavaõ para seguir o que lhes orde-  
 nassem: o que supposto, ficava claro, e sem duvida  
 haverem procedido os Hollandezes do Brasil com des-  
 ordenada cubiça, offendendo o direito das gentes, a fè  
 publica, a confiança, e singileza natural de que Tris-  
 taõ de Mendoça havia usado nas capitulaçoens feitas  
 com aquelles Estados, a verdade constante da palavra  
 que lhe deraõ, o intento pacifico da embaixada, a can-  
 dida, e liza tenção que El Rey teve quando a despe-  
 dio, e confirmou o assento della. E que supostos to-  
 dos estes antecedentes, para que não houvesse no mun-  
 do quem erradamente imaginasse, que as Provincias  
 Unidas cooperavaõ em acção tão iniqua, e que de  
 presente era escandalo universal, esperava não só que  
 os Estados mandassem restituir a El Rey tudo o que na  
 America, e Africa se havia usurpado injustamente, sen-  
 ão que sentissem os Authores da culpa com exemplar  
 castigo a gravidade della; porque havendo qualque  
 „ omis



Anno  
1642.

omissão nas duas precisas demonstraçoens, que caução se poderia dar no mundo á fé publica, vendo-se a paz em todos os seculos sacrosanta, neste caso indignamente violada? E que a interpretação que alguns costumados ás subtilezas do comércio davaõ aos capitulos da paz, era taõ indigna, que se corria de refutalla diante de taõ illustre Congresso: porque o tempo que se deu para se publicar a paz nas conquistas, era lizamente o que pareceo necessario para chegarem a ellas os Embaixadores que levassem os traslados dos capitulos, e que durante este prazo, sendo notoria no Brasil a paz, taõ obrigados estavaõ a guardalla os Holandezes da America, como os da Europa, senaõ queriaõ encorrer na Ley Civil dos Romanos, que chama dolo a naõ se dar credito ao que todos crem, e dizem em algum lugar: e que entendendo-se esta ley em huma só parte, se poderia forçosamente explicar em tantos lugares, como foraõ os em que no Brasil se publicou a acclamação delRey. Que por estas razoens (*e outras muitas que accrescentou*) esperava ElRey seu senhor, que os Estados gloriosos em tantas acçoens militares, e politicas, naõ haviaõ de querer desluzillas, usurpando cautelosamente as Praças, e Lugares que lhes naõ pertenciaõ. Este bem fundado discurso pedia huma Armada muito poderosa para passar ao Brasil, quando os Holandezes naõ admittissem as proposiçoens delle: porem os Holandezes, desprezando o pouco damno que podiaõ receber das nossas armas, fizeraõ pouco caso das nossas queixas. Mas naõ passou muito tempo, que naõ mostrasse Deos que accodia pela nossa justiça.

ElRey achando-se dependente, tratou de contentorizar, em quanto se naõ pode satisfazer, e pouco a pouco foy melhorando todas as disposiçoens. Considerando que nas primeiras Cortes, que no principio do anno de 1641 havia celebrado, naõ tinhaõ os Povos consignado os effeitos necesarios para assistir ás grandes despesas, que fazia a guerra, os convocou segunda vez a 18 de Setembro. Celebraraõ-se na sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Repartiraõ os tres Estados pe-

los Conventos de Santo Eloy, S. Domingos, e S. Francisco: ao primeiro foy o da Nobreza, ao segundo o Ecclesiastico, ao terceiro o dos Povos. Foy proposta, que El Rey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos que se orçou nas primeiras Cortes, que era necessario para defender as fronteiras do Reino, se não podiaõ sustentar com menos de dous milhoes e quatrocentos mil cruzados, que a este respeito se apontassem os meyoys mais suaves de se tirar do Reino este dinheiro. Depois de varias consultas, concordáraõ os tres Estados, que as decimas eraõ o caminho mais proprio, e o tributo mais igual, de que se podia usar: porẽm declaráraõ os Povos, que na contribuiçaõ havia de ficar o seu corpo separado, para que se foubesse o que cada hum dos tres dispendia, e não viesse a cair no Povo, como menos poderolo, o mayor pezo. Os Ecclesiasticos, e a Nobreza uniraõ-se contra esta proposta, não querendo desunirse na contribuiçaõ. Repetiraõ os Povos as instancias. Mandou El Rey persuadir aos Procuradores pelo Secretario de Estado Francisco de Lucena. Ajudavaõ o designio del Rey o Marquez de Montalvaõ, e Duarte Alvares de Abreu Desembargador dos Aggravos, que eraõ Procuradores de Lisboa. Propoz o Secretario de Estado, que El Rey offerecia do patrimonio Real, e das consign. ções, que lhe tocavaõ, prefazer novecentos mil cruzados, e que queria que os tres Estados sem separaçãõ pagassem hum milhaõ e quinhentos mil cruzados das decimas das fazendas. Os Procuradores dos Povos vendo esta resoluçaõ, e domesticos com as negociaçoens os que estavaõ mais afeperos, se reduziraõ á vontade del Rey, e veyo sem separaçãõ a ficar assentado o tributo dos dous milhoens e quatrocentos mil cruzados para as despezas da guerra. Nestas Cortes se deraõ a El Rey varios papeis sobre o procedimento dos Ministros de que se servia. Resultou o mayor effeito de huma petiçaõ que se fez contra Francisco de Lucena assinada por muitos Procuradores dos tres Estados do Reino, e presentaraõ-na a El Rey alguns dos Ministros de mayor esfera. Francisco de Lucena havia assistido em Madrid com a occupaçaõ de Secretario do

Anno  
1642.

*Proposta del Rey.*

*Assenta-se a contribuiçaõ.*

*Petiçaõ contra Francisco de Lucena Secretario de Estado.*

Anno  
1642.

do Conselho de Portugal: por industria de seus inimigos o tinha mandado ElRey D. Philippe para este Reino por Secretario das Mercês. Neste exercicio o achou a acclamação delRey, e inculcado pela sua grande capacidade, o elegéraõ os Governadores para servir de Secretario de Estado, até que ElRey chegasse: porque ainda que elle no tempo de Castella havia encontrado os interesses da Casa de Bragança, era conhecidamente inimigo de Miguel de Vasconcellos. Deulhe ElRey a posse do exercicio em que o achou, e satisfez-se de sorte do seu talento, que se accommodava ao seu parecer em todas as materias mais importantes. Este favor incitou a inveja, e provocou a calumnia, e foy occasião da ruina de Francisco de Lucena. Estava preso em Madrid seu filho Affonso de Lucena, e procurava meyo de o livrar da prizaõ, ou ao menos de lha suavizar: cresceo de sorte a murmuraçãõ desta diligencia, que passou a fazer suspeitoza a sua fidelidade. E este foy o fundamento dos capitulos que se decaõ contra elle, de que se originou mandallo ElRey preso para a Fortaleza de S. Gião; porque ainda que na sua opiniaõ era innocente, e havia dado consentimento ás diligencias que Francisco de Lucena fazia pelo alivio da prizaõ de seu filho, eraõ tantas as pessoas, e de tanta authoridade as que se fizeraõ partes neste negocio, que lhe pareceo a ElRey precizo satisfazellas. E desta resoluçãõ veyo a resultar a Francisco de Lucena a ultima calamidade, como em seu lugar diremos.

*He preso em  
São Gião.*

*Sabe a Armada  
da a correr a  
Costa.*

*Tomaõ-se na  
Ilha Terceira  
dous navios de  
Indias.*

Neste anno mandou ElRey a Armada a correr a Costa: era General della Antonio Telles de Menezes, Almirante Cosme do Couto, que havia passado de Castella a servir este Reino. Levava a Armada 15 navios de guerra, e tres de fogo, que guarneciaõ 2500 Infantes: recolheo-se na entrada do Inverno sem mais effeito, que segurar os nossos mares. Melhor empreza conseguiraõ na Ilha Terceira os soldados da Fortaleza de S. Philippe: porque chegando a ella dous navios de Indias na fé de que se conservava sujeita a ElRey de Castella, quando reconhecerãõ o engano, acháraõ inevitavel o perigo, foraõ remettidos a Lisboa, e interessou ElRey nelles consideravel fazenda.

Neste

Em quanto duráraõ estes successos em Portugal, não estiveraõ socegadas as armas no Brasil. Mandou El-Rey por Governador daquelle Estado Antonio Telles da Silva. Tanto que chegou a Bahia, procedeo contra os tres que governavaõ, pelas offensas feitas ao Marquez de Montalvaõ. Mandou prezos pa a Lisboa Luiz Barbalho, e Lourenço de Britto. A Luiz Barbalho perdoou El-Rey, por se averiguar, que os seus erros procederaõ mais do entendimento que da vontade. Lourenço de Britto esteve muitos annos prezo na cadeia publica de Lisboa. Ao Bispo fez Antonio Telles repor todos os ordenados, que havia levado. Neste tempo conseguiraõ os moradores do Maranhão, sem mais socorro que o estimulo dos aggravos que receberaõ dos Hollandezes, gloriosa satisfação de tantas offensas. Depois de occupado o Maranhão guarneceraõ os Hollandezes a Cidade, e repararaõ 300 soldados pelos Engenhos da terra firme. Huns, e outros com a soberba de injustos vencedores se licenciaraõ de sorte, que não perdoando ao sagrado, nem ao profano, em todos os lugares viaõ lastimosamente os Portuguezes as Igrejas, e as honras offendidas. Eraõ mayores os excessos dos que habitavaõ nos Engenhos, e assim foraõ os primeiros que padeceraõ o castigo. Desenganados os Portuguezes de que lhe não valia, nem aparentarem se com os Hollandezes casando os com suas filhas; nem queixarem se ao Governador, como repetidas vezes fizeraõ; appelláraõ para o valor de seus braços, nos quaes por antiga disposiçaõ da natureza, acháraõ sempre o mais efficaz remedio. Elegeraõ por superior acertadamente Antonio Moniz Barreto, que havia exercitado o posto de Capitaõ mór da Cidade com grande opiniaõ de soldado pratico, e valeroso: aceitou elle a occupaçaõ, attendendo assim ao bem publico, como á offensa particular, por haver recebido muito máo trato de vinte Hollandezes, que alojava em hum Engenho, que elles lhe haviaõ deixado. Resoluto em intentar tão difficil empreza, ajuntou cem Portuguezes e alguns negros, e huma noite entrou em todos os Engenhos que lhe ficavaõ mais perto, e não ficou Hollandez que com a vida não pagasse os delictos

Anno

1642.

*Successos do Barão  
sil de que he Governador  
Antonio Telles da  
Silva.*

*Antonio Moniz  
Barreto (o la-  
vanta no Ma-  
ranhão contra  
os Hollandezes.)*

Anno,  
1642.

*Ganha o Forte  
do Calvario.*

commettidos. Passou o empenho a mais difficil, e mais generosa vingança; e antes de amanhecer, chegaram a hum forte chamado do Calvario, que os Holandezes guarneciaõ com 70 soldados, e oito peças de artilharia. Conseruaraõ o silencio até que conseguiraõ matar huma sentinella, que com repetidas vozes acordou aos Holandezes, mas acodiraõ a tempo que o Forte estava entrado pelo mesmo lugar, em que a sentinella perdeu a vida. Intentáraõ elles em vão a resistencia: porque a razaõ, e o valor dos nossos soldados lhes facilitava hum triumpho em cada golpe. Degoláraõ todos os Holandezes que guarneciaõ o Forte, e sabendo distinguir a razaõ do aggravo entre os mayores impetos da colera, perdoáraõ a alguns Francezes. Ganhando o Forte, passou Antonio Moniz sem dilacão à Ilha, por não haver na terra firme outra opposição, intentando conseguir a victoriano descuido dos Holandezes: porém não logrou este acertado discurso; porque hum negro que fugio da terra firme, de tudo o que nelle havia acontecido deu aviso na Cidade. Preueni-se o Governador, e passaraõ-se os mais dos Portuguezes, a que chegou esta noticia, a se incorporarem com 30 que Antonio Moniz havia mandado diante. Huns, e outros degoláraõ 40 soldados Holandezes, que sahiraõ da Cidade a descobrir a campanha. O dia seguinte chegou Antonio Moniz a se incorporar com os Portuguezes da Ilha, e marchando para a Cidade, se encontrou com hum Capitão Escocez chamado Sandalim, que vinha por Cabo de 20 Holandezes a reconhecer o seu intento. Tanto que huns, e outros se avistáraõ, resolutamente se investiraõ: porém não valendo ao Escocez o valor com que pelejou foy derrotado não escapando mais que cinco Holandezes. Logrou Antonio Moniz neste successo, não so conseguillo sem perder mais que dous soldados, mas ganhou nelle armas para os que conduzia, de que tinha grande falta. Animado do favor da fortuna se resolveo a sitiar a Cidade com pouca gente, falto de polvora, e instrumentos. Chegou a ella, ganhou logo alguns postos, e fortificou-se nelles, querendo ter os Holandezes opprimidos, quando não pudesse conquistallos: fizeraõ elles algumas fortidas.

*Derrota os Ho-  
landezes.*

*Sitia a Cidade.*

tidas.

Anno  
1642.

tidas, e de todas se recolheraõ com grande perda. Continuou o sitio, e como os mayores successos delle se conseguiraõ com a restauraçã da Cidade no anno de 1643, daremos em seu lugar esta noticia, por naõ sahirmos da ordem da historia. No Reino de Angola se passou este anno com grande oppressã, conservando-se Pedro Cesar nos Lugares apontados, sem se offerecer occasiã digna de referir. Em S. Thomé guarneceraõ os Hollandezes só as fortificações, e deixaraõ livres aos moradores a Cidade, e mais Lugares, que de antes occupavaõ, obrigando-os a que lhe pagassem a contribuição que costumavaõ dar a Portugal. El Rey tendo noticia do que succedia em S. Thomé, mandou por Governador daquella Ilha a Lourenço Pires de Tavora com ordem, que usasse do tempo conforme as occasioens que lhe offerecesse a fortuna. Chegou elle a S. Thomé, e sem contradicção tomou posse do governo, e se foy dispondo para conseguir o que El Rey lhe ordenava. Passados alguns annos veyo a corresponder felizmente o successo ao intento.

Continuou no Estado da India a guerra com os Hollandezes na mesma fórma que a deixamos o anno antecedente, naõ podendo prevalescer as diligencias que o Viso Rey fazia por effectuar a Tregoa, e os requerimentos, e protestos, que por repetidas vezes mandou fazer ao General da Armada, que assistia na Barra de Goa, de que corriaõ por sua conta todas as perdas, e damnos; que de guerra taõ injusta sobreviesse. Porem os Hollandezes, idolatras do interesse, naõ attendiaõ mais que ao fim pertendido, de ficarem senhores da India nesta occasiã, em que consideravaõ, por todas as circunstancias, as nossas forças mais debilitadas. Teve noticia o Viso Rey de que em Ceilaõ intentavaõ sitiar Columbo, e que ao mesmo tempo determinavaõ ganhar S. Thomé, e Jafanapataõ, e que para este effeito haviaõ sahido de Batavia seis navios de guerra a se incorporar com outros quatro, que se separavaõ da Armada, que estava sobre a barra de Goa. O Viso Rey embaraçado com taõ diferentes, e vigorosos cuidados, naõ se achando com poder para mandar soccorro ao mesmo tempo a todos os Lugares

*Successos da  
India.*

Anno  
1642.

que os Holandezes ameaçavaõ, ordenou a Domingos Ferreira Belliãgo, que era Capitãõ mór da Armada do Cabo de Comorim, que seguisse os quatro navios Holandezes, que haviaõ sahido de Goa, coiteando ate Cochim; e que naõ achando naquelle Reino noticia de intento dos Holandezes, chegasse ao Cabo de Comorim, e a todo o risco foccorresse a Praça que elles ententassem invadir. E porque a Armada de Domingos Ferreira naõ era muito poderosa, ordenou o Viso-Rey a D. Alvaro de Attaide, que com nove navios se incorporasse com elle, e seguisse a sua ordem. Neste tempo appareceraõ nos mares de Ceilaõ doze navios Holandezes, e intentando lançar em Negumbo gente em terra, desvaneceu a sua resoluçaõ o valor com que os do presidio se deliberaraõ á defenõsa da Praça, e fizeraõ-se na volta de Calature, mostrando que seguisõ o intento de atacar Jafanapataõ. D. Philippe Mascarenhas accodio promptamente a foccorrer Jafanapataõ; mandou-lhe artilharia, e muniçoens, e despedio hum navio, e oito galeotas a se incorporarem com Domingos Ferreira; e juntamente passou ordem a Francisco de Seixas, que com 400 homens marchasse para aquella parte. O mesmo receyo com que neste tempo passavamos dos Holandezes, tinhaõ elles de que intentassemos recuperar a Fortaleza de Gãle. Para se segurarem desta suspeita, mandaraõ alguns navios que continuamente assistissem na boca da barra, por ser o ataque pela parte do mar, o que avaliavaõ por mais perigoso: porque a conduçõ da artilharia por terra era muito difficulosa. Vendo D. Philippe as difficuldades de ganhar Gãle por força, determinou conquistalla por acedio: porque tiradas as commodidades da campanha, poderia conseguirse largarem os Holandezes a Fortaleza. Porem como pela parte do mar estavaõ livres os foccorros, parecia infructuoso este empenho, de que podera tirallo a ordem do Viso-Rey, que chegou a sete de Outubro, de estarem ajustadas as tre-goas com os Holandezes entre El-Rey, e os Estados por dez annos, na fórma, e com as condiçoens que fica referido: mas naõ pode conseguir, que o Governador da Fortaleza de Gãle Joã Mattheus quizesse sujeitar-se a esta

noti-

noticia; que lhe mandou fazer presente por Lourenço Pereira de Brito; usando da mesma cautela, de que se valéraõ os que estavaõ na barra de Goa: respondeo, que sem ordem do seu General, que assistia em Battavia, que era naquelle tempo Antonio Wandamien, naõ podia alterar o estado da guerra, e se resolvia a continualla. Com esta reposta, e sem outro effeito seguiraõ o mesmo estilo os negocios da India até o fim deste anno que acabamos de escrever. Sahiraõ neste tempo da barra de Lisboa para soccorro da India os Galeoens S. Bento, de que era Capitaõ mór D. Joaõ da Gamma, e N. Senhora de Penha de França, que governava Joaõ da Costa, os Patachos N. Senhora do Rosario, e N. Senhora da Oliveira, governados por Antonio Cabral, e Pedro de Oliveira. S. Bento perdeu-se em Moçambique, salvou-se parte da gente; e o Capitaõ mór, que falleceo em terra dentro de poucos dias. Destas, e de outras desgraças succedidas na viagem, e guerra da India se originou a opiniaõ, de que seria facil fabricarse huma calçada de ossos, que chegasse de Portugal à Goa, em que se contaõ mais de 5500 leguas de distancia, se se dera caso que se pudessem ajuntar os corpos dos Portuguezes mortos nesta arrojada, e gloriosa conquista. Porem os animos grandes naõ costumã desviar-se de emprezas difficultosas; antes se incitaõ mais quando as consideraõ menos factiveis: tendo por certo o triunfo ou na execuçaõ, ou ao menos no intento.

Entrou o anno de 1643, e tanto que cessou o rigor do Inverno, tornou a travarse o exercicio da guerra em todas as Provincias de Portugal. O Conde de Obidos, que governava Alemtejo, passou a Lisboa com licença delRey a receber-se com Dona Joanna Mascarenhas filha de seu irmaõ o Conde de Santa Cruz; ficou governando a Provincia o Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos. Foy o primeiro bom successo do seu governo mandar a Villar delRey o Coronel Til com o Regimento de Hollandezes que governava, a que se uniraõ as Tropas de Campo Mayor. Marcharaõ todos de noite, ao amanhecer lançaõ 40 Cavallos a pegar no gado que

Anno  
1642.

*Naos que passaraõ á India.*

Anno  
1643.

*Successos de Alemtejo.*

*O Coronel Til derrota 50 Castelhanos.*



Anno  
1643.

sahia da Villa : sahio della huma Companhia de Cavallos com cincoenta Infantes, e empenháraõ-se com tanta imprudencia, que todos foraõ derrotados, e os mais delles ficaram mortos. Retiráraõ-se as nossas Tropas sem opposiçaõ da Cavallaria de Badajoz : porque havia marchado a noite antecedente para Valverde, acodindo a hum rebate que a este fim se lhe deu de Olivença. Passados poucos dias juntou Joanne Mendes seiscentos Cavallos, e entregou-os a D. Rodrigo de Castro, Tenente General da Cavallaria, ordenando-lhe, que antes de amanhecer se emboçasse na ribeira de Alcarrache, desta parte de Guadiana, visinha a Badajoz : Joanne Mendes com dous mil Infantes fez alto nas vinhas das Caldeiras, que ficaõ junto a Caya, por onde este rio entra em Guadiana. Era o fim derrotar as Tropas de Badajoz, que costumavaõ vir a forragem áquelle sitio. Naõ succedeo sahirem no dia que as esperavaõ por passarem mostra. Desenganado D. Rodrigo, mandou quarenta Cavallos que carregassem as sentinelas até a ponte que remata na porta de Badajoz, que olha por Portugal. Assim o executáraõ, sahiraõ da Cidade duzentos Cavallos, vieraõ carregando os quarenta que com boa fortuna os meteraõ na emboçada, se D. Rodrigo senão anticipára a sair della, de que resultou retirarem-se os Castelhanos sem damno consideravel. Sentio Joanne Mendes tanto esta desordem, que mandou prender D. Rodrigo : mas durou-lhe o castigo poucos dias. Joanne Mendes, desejan-do fazer gloriosos os principios do seu governo, mandou ao Commissario Geral Gaspar Pinto Pestana, que fosse armar ás duas Tropas que estavaõ no Almendral ; Villa cinco leguas de Olivença. Derrotou o Commissario humas das Tropas, matando o Capitaõ della, e retirou-se com brevidade, receando as muitas Tropas do inimigo, que estavaõ alojadas em varios quarteis visinhos ao Almendral, e achou, segurando-lhe o porto da ribeira de Olivença, ao Mestre de Campo André de Albuquerque, que de Capitaõ de Infantaria havia passado a este posto pelo grande valor, e capacidade que mostrava. D. João de Garay, em satisfação desta entrada, juntou a Cavallaria, parte da Infantaria das Praças visinhas, e cor-

Rompe o Com-  
missario Gaspar  
Pinto huma  
Tropa,

reio a campanha de Santa Olaya , duas leguas de Elvas , com grande prejuizo dos lavradores. Não foy possível a Joanne Mendes impedir esta entrada pela desigualdade do poder : buscou a satisfação tornando a unir a Cavallaria , marchou com ella D. Rodrigo de Castro a armar ás Tropas de Albuquerque , succedeo-lhe taõ felizmente que as derrotou, tomandolhe 80 Cavallos. Sentio D. Joaõ de Garay igualmente este successo ao que experimentava de se lhe passarem de 600 Napolitanos , que haviaõ chegado montados a Badajoz, a mayor parte a Portugal : quiz evitar este damno , espalhando , que tanto que chegavaõ ás nossas Praças lhes tiravaõ as vidas. Desbaratou Joanne Mendes esta industria , mandando aos que se passavaõ que escrevessem varios papeis, nos quaes declarassem o bom tratamento que recebiaõ. Foraõ lançados em Badajoz , e em outros lugares de Castella , de que resultou continuarem os Napolitanos de sorte em se passarem para este Reino, que foy necessario a D. Joaõ de Garay desmontar a mayor parte delles : e estimulado destas , e de outras desordens que experimentava ; sem poder remedialas , pedio licença a El Rey para ir a Madrid. Permittiolha , e succedeo-lhe D. Diogo de Benavides, que com o titulo de Mestre de Campo General ficou governando o exercito. Tanto que chegou a Badajoz , reconhecendo todos os sitios visinhos daquella Praça , parecendo-lhe importante o lugar de Telenã o mandou guarnecer de Infantaria , e levantar-lhe huma trincheira. Teve Joanne Mendes esta noticia , e determinou livrar-se deste embaraço : juntou mil Cavallos , e 3000 Infantes passou Guadiana , entrou o lugar facilmente arrazou o , e poz-lhe o fogo , e deixou-o incapaz de se guarnecer sem nova fortificação. D. Diogo de Benavides achando-se com inferior poder , não quiz arrojarse ao empenho difficil de se oppor a este intento , e Joanne Mendes se retirou a Elvas. Poucos dias depois deste successo , teve aviso que os Castelhanos mandavaõ duas Tropas segurar o gado que pastava entre Xevora , e Guadiana. Ao nascente defronte de Badajoz entra em Guadiana Xevora ; e porque de Inverno corre impetuoso , tem huma ponte

Anno  
1643.

*Derrota Di. Rodrigo de Castro as Tropas de Albuquerque.*

*Passaõse muitos Napolitanos a este Reino.*

*Retirase do governo D. Joaõ de Garay. Succedeo-lhe D. Diogo de Benavides*

*Ganha Joanne Mendes de Vasconcellos Telenã*

Anno  
1643.

bem fabricada, meya legua desta Cidade. Marchou Dom Rodrigo de Castro de Campo Mayor, e o Mestre de Campo Ayres de Saldanha; e unindo-se-lhe as Tropas de Elvas, ajuntáraõ quinhentos Cavallos, e seis Companhias de Infantaria: passou D. Rodrigo com a Cavallaria o mais perto da ponte que lhe foy possível, para dar calor ao Coronel Til, que com o seu Regimento de Hollandezes se havia adiantado a hum vale encuberto do Forte de São Christovaõ, e Ayres de Saldanha ficou segurando hum porto de Xevora. Sahiraõ pela manhã trinta Cavallos de Badajoz, a que davaõ calor as duas Tropas destinadas para comboy do gado: avançáraõ os Hollandezes, tomáraõ quinze Cavallos, os mais se retiráraõ para as duas Tropas, e todos á ponte de Badajoz. Montou ao rebate a Cavallaria daquella Praça, e sahio della governada pelo Commissario Geral D. Joaõ Baptista Filo Marino: carregou elle com tanto impeto os Hollandezes, que os obrigou a se retirarem. Soccoreo os D. Rodrigo, e fizeraõ alto os Castelhanos: travou-se huma bem contendida escaramuça, esforçáraõ-se os foccorros de huma, e outra parte; ultimamente avançou D. Rodrigo com todas as Tropas; cederaõ os Castelhanos, e retiráraõ-se ao Forte de S. Christovaõ, e deixando morto o Commissario Geral, leváraõ prisioneiro a D. Francisco de Almada, porque se lhe desenfreado o cavallo, e sem poderem soccorrello, fometeo entre os Castelhanos. Mandáraõ-no para Madrid, e trocáraõ-no depois pelo Marquez de la Puebla: vive hoje Religioso da Companhia de JESUS com grande exemplo, e letras. Retirou-se D. Rodrigo; e ficáraõ de hũa; e outra parte alguns mortos na campanha. Os Castelhanos o dia seguinte derrotáraõ na campanha de Elvas junto a Atalaya de Uveda a companhia de Cavallos de Antonio do Canto de Castro, naõ se achando elle presente. Estavaõ os Cavallos desmontados, e naõ haviaõ as sentinellas occupado os postos convenientes; salváraõ-se só alguns soldados que se recolheraõ á Atalaya. Tomou Joaõ de Saldanha da Gãma satisfação desta offensa: sahio de Campo Mayor com as Tropas, e Terços daquella guarniçaõ, e derrotou em Albuquerque duzentos Infantes,

*Escaramuça em Badajoz, em q̄ foy prezo Dom Francisco de Almada.*

*Derrotaõ os Castelhanos huma Tropa de Elvas.*

*Derrota Joaõ de Saldanha em Albuquerque 200 Infantes.*

que

que com pouca cautela achou fóra da Praça; perderão a vida os mais dos soldados, e trouxe os Officiaes prisioneiros. Em quanto em Alemtejo succediaõ estes breves encontros, e outros de menos importancia, preparava ElRey o exercito, que no Outono seguinte determinava que sahisse em campanha. Os annos antecedentes se tinha ventilado esta materia, e ElRey havia prudentemente dilatado a execuçãõ, considerando as poucas forças do Reino, arruinado do governo de Castella, e a pouca experiencia dos soldados. Porém tendo ja quasi tres annos de exercicio, e havendo-se augmentado as fortificaçoens, e sobre tudo querendo satisfazer ás instancias delRey de França, que desejava divertir o poder dos Castelhanos de Catalunha, sendo esta guerra hum dos m. yores fundamentos da conservação de Portugal; por est s, e outras razões muito consideraveis, resolveo ElRey que o exercito sahisse em campanha, e juntamente assistir em Evora todo o tempo que durasse, assim para que todos seus Vassallos accodissem ao exercito, como para que não faltassem nelle os soccorros, e provimentos, e a Praças da Provincia estivessem seguras de qualquer diversõ, que os Castelhanos intentassem Tomada esta resoluçãõ, e ajustadas todas as prevençoens, declarou ElRey que a Rainha D. Luiza ficava em Lisboa governando em sua ausencia, e nomeou para lhe assistirem no governo a D. Manoel da Cunha Bispo Capellaõ mór, a Sebastiaõ Cesar de Menezes, e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho á tarde montou ElRey a cavallo, adornado, e os que o acompanhavaõ, de gallas militares: foy á Sé a benzer o Estendarte, que entregou a D. Francisco Coutinho Conde de Redondo seu Alferes mór: sem voltar ao Paço entrou em hum bergantim, e passou a Aldea Galega, donde partio o dia seguinte, e avisou a Evora que havia de entrar de noite naquella Cidade; e não bastou esta prevençãõ para deter o povo que sahio a esperallo com tanta alegria, que annunciava o bom successo da campanha. Estavaõ prevenidas para ElRey as casas do Conde de Basto, onde esteve até 30 do mesmõ mez, dia em que entrou na Cidade publicamente com grande apparato, e magnis

Anno  
1643.

*Resolve ElRey  
passar a Alemtejo,  
e que se  
que governando  
a Rainha.*

*Entra ElRey em  
Evora.*

Anno  
1643.

*Sabe o Exercito  
em campanha.*

magnificas festas. A 7 de Agosto passou ElRey encuberto a Lisboa a ver a Rainha, que havia deixado em vespers do parto, de que nasceu o Infante D. Affonso, que depois succedeo no Reino: porèm vendo que a dilação era mayor do que suppunha, tornou a voltar para Evora, e com toda a attenção foy dispondo as prevençoens que faltavaõ para sahir o Exercito no mez de Setembro seguinte em campanha, tempo em que o Sol vay perdendo a força incontrastavel do verão na Provincia de Alentejo. Havendo chegado a Elvas as levas de Cavallaria, e Infantaria, e todas as carruagens, sahio o Exercito daquella Cidade a seis de Setembro, governado pelo Conde de Obidos; era seu Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro mór, da Artilharia Dom João da Costa, posto a que pouco antes havia passado. Constava o Exercito de doze mil Infantes, dois mil Cavallos, dez peças de artilharia de Campanha, dois morteiros, e varios instrumentos de expugnação, esmaltava-se com a mayor parte da Nobreza do Reino, que se dividio pelas Tropas, e Terços de Infantaria, sendo hum dos primeiros que sentáraõ praça Mathias de Albuquerque, que exercitava o Officio de Soldado, como se não houvera governado pouco tempo antes aquelle Exercito. A Cavallaria se compunha de quatorze Companhias Portuguezas, e de cinco Regimentos, tres Hollandezes, e dois Francezes. Antonio de Saldanha Capitaõ mór da Torre de Belém ficou em Elvas com dois mil Infantes de guarnição, entregue do governo da Provincia. Sahio o Exercito de Elvas ás duas horas da tarde, e ficou alojado desta parte do Guadiana; o dia seguinte passou a ponte de Olivença, onde se incorporáraõ alguns Terços, e Tropas que faltavaõ, e fez alto nas hortas de Olivença, Praça que ficou governando D. Gastaõ Coutinho. Amanheceo, e passou o Exercito a Ribeira de Valverde, e entrou pela Extremadura, havendo 170 annos contados desde o tempo d'ElRey D. Affonso V, que não havia entrado em Castella Exercito de Portugal, aquartelou-se pouco distante de Valverde, Praça destinada para ser o primei-

Anno  
1643.

ro emprego desta campanha. Era Governador de Valverde João Baptista Pinha Tello Napolitano com 120 Infantes pagos Hespanhoes, e Italianos, e 80 Cavallos divididos em duas Tropas: a fortificação não havia melhorado muito, depois que esta Villa a primeira vez foy entrada; e as muitas paredes das hortas, e pomares que a rodeavaõ, davaõ grande commodidade à Infantaria para chegar às trincheiras: os moradores que estavaõ dentro eraõ poucos, havendo sahido a mayor parte delles para os lugares do feitaõ, por ordem do Conde de Santo Estevão; que havia chegado a Badajoz a governar as Armas da Estramadura, com pouca satisfação dos Castelhanos, pela pouca pratica que havia conseguido na Arte Militar. Na manhã de 10 de Setembro chegou o exercito a Valverde, e havendo o Mestre de Campo General reconhecido os postos, mandou avançar 500 Infantes governados pelos Sargentos mores Bento Maciel, e Antonio Gallo, com o fim de ganhar huma eminencia visinha à Praça: occupáraõ-na, desprezando as muitas balas que os Castelhanos atiravaõ das trincheiras. O exercito se dividio em dous quartéis: ficou o Conde de Obidos alojado junto a esta eminencia, a que dava nome hum a hermida de S. Pedro, que nella havia, e o Mestre de Campo General na parte opposta. Repartiraõ-se os Terços, e facilmente foraõ chegando, cobrindo-se com os vallados das vinhas, ás trincheiras da Praça as mangas de Mosqueteiros. Defendiaõ-se dellas os Castelhanos com repetidas cargas. João de Saldanha de Sousa (que havia succedido no Terço a D. João da Costa, depois de occupar o posto de Tenente General da Cavallaria da Beira) Ayres de Saldanha, e Estacio Pique ganháraõ humas ruina quasi iguaes ás trincheiras, donde o inimigo recbia consideravel damno. Dom João da Costa fez jugar a artilharia das duas eminencias de S. Pedro, e Martyres com pouco effeito; e por esta causa mandou a Olivença buscar dous meynos canhoens. Em quanto não chegavaõ, molestava a Praça com os morteiros, fazendo nella as bombas damno consideravel. O Conde de Obidos, antes que se passasse a mayor empenho, mandou hum trombeta a persuadir

*Sirio de Valverde.*

Anno  
1643.

suadir ao Governador que se rendesse. Respondeo e le com arrogancia, mostrando desprezar o perigõ, fiado na promessa que o Conde de Santo Estevão lhe havia feito de o soccorrer. Ayres de Saldanha, das ruinas onde afflitia, deu principio a hum aproche, em que trabalhavaõ igualmente com os soldados as pelloas mais principaes, que andavaõ no Exercito. O Conde de S. Estevão intencou com mil Cavallos, e cento e cincoenta Infantes introducir soccorro em Valverde pela parte de Albufeira, distante duas leguas desta Praça: porẽm retirou se antes de chegar ao Exercito, parecendo lhe pouco o poder que levava para o desbaratar, e que a Praça não necessitava de guarnição, ficando por este respeito intempestivo o empenho a que se deliberava. Retirou se para Badajoz, e introduzio em Valverde hum Sargento com aviso ao Governador ) que elle, para se justificar, fez publico quando rendeo a Villa ) em que lhe ordenava que pelejasse em quanto lhe fosse possivel, sem esperar soccorro, porque elle se achava sem forças para tomar este empenho; e que estimaria infinito, que os Portuguezes queimassem toda a Estremadura, para ver se criaõ os Ministros de Madrid; que havia Rey em Portugal, e que tinha Exercito em Castella. Com este defengano vendo o Governador que a artilharia grossa começava a jugar, e que a Infantaria, havendo chegado ás trincheiras, se dispunha para dar o assalto, passados tres dias rendeo a Praça, declarando que capitulava com o Conde de Obidos Governador das Armas do Exercito del Rey de Portugal Titulo, que só a artilharia, que contavaõ por ultima razaõ dos Reys, obrigava aos Castelhanos naquelle tempo a proferir. Eraõ as condições, que a guarnição sahira formada, segurando se lhe toda a commodidade para passar a Aya monte, lugar de Andaluzia, aonde não poderia entrar senão em principio de Novembro, por se evitar a assistencia daquelle gente na campanha daquelle anno. A mayor parte della ficou em Portugal por sua vontade, principalmente a Napolitana. Tanto que sahio a guarnição, entrou o Exercito em Valverde, e depois de retirada a artilharia, as munições, e bastimentos, e de sahirem os moradores pa:

Rende se a Praça.  
ca.

Anno  
1643.

para os lugares visinhos, se poz fogo á Villa, reservando-se a Igreja. Foy de grande utilidade esta empreza: porque Valverde era continua molestia de Olivença, e dos mais lugares visinhos; e entrando o exercito a camppear com bom successo, lograva-se o fim para que fora formado, que era a reputação das Armas, e a diversão de Catalunha, suspendendo os soccorros daquella parte o cuidado desta. Cinco dias se deteve o Exercito em Valverde, aguardando a Cavallaria, e Infantaria, que havia marchado com os rendidos a Estremoz. Neste tempo chegou avizo ao Conde de Obidos, de que o Conde de Santo Estevão sahira de Badajoz para Merida com a mayor parte da Cavallaria, e Infantaria, e que em Badajoz havia ficado o Conde de Torrejon Mestre de Campo General com muito pouca guarnição. Chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz esta noticia, mostrando afeição-se á empreza de Badajoz. Não achou contradicção nos que votárao, nem fez reparo no pouco numero de gente, e na falta de artilharia grossa, e de outras prevençoens, que sem contradicção erao voto contrario, passando juntamente pelo escrupulo da obrigação de avizar El Rey estando tao visinho, não parecendo justo tomar esta resolução sem seu consentimento, porque a ambição de gloria lhe facilitou todos os inconvenientes. Com o intento proposto marchou o Exercito para Badajoz, e na segunda marcha alojou junto das ruinas de Telená, e a legoa que este Lugar dista de Badajoz marchou sem mudar fórma. As agoas do Guadiana, que banhao as muralhas de Badajoz, serviao de trincheira ao lado esquerdo, cobrio o direito todo o Corpo da Cavallaria; marchava de vanguarda o Mestre de Campo Martim Ferreira, soldado de conhecido valor, com tres Companhias de cada Terço. Chegou o Exercito á vista de Badajoz, (situação que descreveremos em lugar mais competente, porque as poucas occasiões que houve nesta empreza não pedem a explicação dos sitios) o inimigo lançou fora algumas Tropas, que sustentárao debaixo da mosquetaria da Praça huma leve escaramuça. Guarneceáo os Castelhanos huns moinhos que estavao em Guadiana

*Chega o Exercito a Badajoz.*



Anno  
1642.

diana visinhos da muralha : investio-os o Sargento mór Belchior do Crato com trezentos Infantes, e desalojou as mangas que os guarneciaõ favorecidas da artilharia, e mosquetaria da muralha, e sustentou valerosamente este posto, até que por ser inutil á empreza, o mandáraõ retirar. Martim Ferreira havia ganhado huns valla-dos, que ficavaõ na frente do Exercito, e guarneceo-os a pezar da opposiçaõ, que fizeraõ algumas mangas de mosqueteiros, que os Castelhanos lançáraõ da Praça: porém repetindo-se o empenho do inimigo, e conhecendo a pouca importancia do posto, mandou o Conde de Obidos retirar Martim Ferreira, custando a empreza a vida do Capitaõ Manoel Serraõ, e de alguns soldados. O Exercito ficou alojado com a frente em Badajoz, a retaguarda para a parte de Telená, Guadiana cobria o lado esquerdo, o direito os carros de muniçoens, e bagagens, guarnecidos de mangas de mosqueteiros, a Caval-laria no centro, a artilharia na vanguarda, e todo o ex-ercito coberto de oliveiras, que guarneciaõ aquelle sitio. E porque a artilharia da Praça offendia muito os solda-dos, se começou a levantar na frente do exercito huma trincheira: remedio taõ arriscado para os que a fabricá-vaõ, como inutil para o exercito. E esta experiencia fo-ra justo que ensinasse, antes de crescer o damno, ou a se tomar resoluçaõ de atacar, se o poder era capaz da empreza: ou a desviar o exercito do perigo da artilha-ria, em quanto se não deliberava applicallo a outro em-prego: porque nenhum prejuizo he mayor para os ex-ercitos, que verem os soldados acabar inutilmente os que morrem por erro dos que governaõ, costumando fazer neste caso duas inferencias: a primeira, a insuf-ficiencia dos Cabos; a segunda, a difficuldade dos pre-mios: entendendo que quem não sabe reservar-lhes as vidas para os perigos importantes, não sabera avaliar-lhes as acçoens para a satisfacaõ que merecerem; nascendo de huma, e outra desconfiança muito arriscadas consequencias. Vendo o Conde de Obidos os muitos soldados que custava o trabalho da trincheira, e conf-tando-lhe que se murmurava da pouca utilidade desta obra,

Anno  
1643.

obra, para tomar a ultima resolução mandou a Joanne Mendes que fosse reconhecer a Cidade, ordenando que se fizesse juntamente diligencia por tomar lingua para averiguar o estado em que se achava a Praça de muniçoens, e bastimentos. Accompanháraõ a Joanne Mendes, Mathias de Albuquerque, e o Padre Joaõ Paschalis Cosmander, Religioso da Companhia de JESUS, de nação Flamengo, natural de Lobaina insigne Mathematico, e que depois com o exercicio das fortificaçoens de Portugal, se fez consumado engenheiro, grangeandolhe a mayor estimação outras muitas partes que lograva. Observarãõ os tres a disposição da Praça; porém a facilidade que acháraõ de atacar, por não ter fortificação alguma moderna, encontrou a noticia que ouviraõ aos frades Capuchos de hum Convento, que fica fora de Badajoz, da invocação de S. Gabriel, os quaes lhe seguraraõ que o Conde de Santo Estevãõ havia voltado para Badajoz, e que trouxera consigo mil Cavallos, e 4000 Infantes, numero muito superior a qualquer das partes em que se dividisse o exercito, quando se resolvesse a sitiar a Praça. Esta noticia se justificou por varias linguas que se tomaraõ, e logo que Joanne Mendes, e os mais chegaraõ ao exercito chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz o pouco numero de gente de que se compunha o exercito, o grosso presidio com que se achava em Badajoz o Conde de Santo Estevãõ, a dilatada circunvalação da Cidade, a vizinhança do Inverno, e outras difficuldades que totalmente encontravaõ continuarse aquelle sitio. Tocou ao Mestre de Campo Joaõ de Saldanha de Sousa votar primeiro que os quatro Cabos do exercito, Mestres de Campo, Tenentes Generaes da Cavallaria, Titulos, e Conselheiros de Guerra, que se achavaõ no exercito, de que se compunha o Conselho, e disse: que elle se não havia achado na primeira conferencia, em que se tomou a resolução de vir aquella Praça; porém que suppunha da capacidade das pessoas que foraõ deste parecer, que o não seguiriaõ sem fundamentos muito solidos de lograr a empreza que intentaraõ; que nesta fé, e juntamente vendo que o exercito senão havia diminuido depois de chegar áque-

*Reconhece Joanne Mendes a Cidade.*

*Voto de Joaõ de Saldanha.*

Anno  
1642.

áquella Praça, havendo crescido no empenho o cuidado da reputação do exercito, não via causa bastante que o obrigasse a retirar-se, antes as poucas sortidas do inimigo insinuavaõ, que não era tão grosso o presidio da Praça como as linguas diziaõ; e que se era justo governarem-se pela sua consiliaõ, tambem ellas affirmavaõ que os soccorros se reconheciaõ impossiveis pelo aperto em que estavaõ os lugares visinhos: e que formar-se exercito de soldados velhos era impossivel, impossibilitando-o o grande empenho da guerra de Catalunha: e que huma, e outra noticia justificava o Conde de Santo Estevão na resolução que tomára de entrar em Badajoz com todo o poder que tinha, pois ficára fóra da Praça, se tivera esperança de formar exercito com que a soccorrer; que os mantimentos, e prevençoens para a defenfa da Praça eraõ muito poucos, porque os Castelhanos não haviaõ imaginado que o exercito tomasse a resolução de sitiala; e que por todas estas consideraçõens era de parecer que se fizessem dous quarteis que dividisse Calamon, pequeno rio que entra em Guadiana, e que se mandasse vir de Elvas a artilharia grossa, e todos os instrumentos de expugnação que fossem necessarios, e chegando os soccorros que esperavaõ, que se podiaõ inferir o bon successo de empreza tão gloriosa, e de tantas consequencias, que merecia exporem-se, pela conseguir a mayores difficuldades; e que ultimamente quando esta opiniaõ parecesse duvidosa, que ElRey estava tão perto, que em nenhum caso sem a sua resolução devia ab-larse o exercito dequelle sitio; pois hum dos fins que obrigára a ElRey a vir de Lisboa assistit em Evora, fora decidir as duvidas que se lhe consultassem do exercito sem prejudicar a dilação; e que no caso presente, ainda que ElRey não houvesse passado a Evora, era razão que a Lisboa se lhe desse conta do parecer do Conselho, e se esperasse a sua ordem, pois o espaço de tres dias não embaraçava outro qualquer progresso que se intentasse, quando o empenho em que se achavaõ não parecesse conveniente. Foy da mesma opiniaõ D. Nuno Mascarenhas, e Mathias de Albuquerque, e esforçou o seu voto com outras muitas razoens não menos for;

forçosas. Todos os mais que seguirão contrario parecer, e Joanne Mendes de Vasconcellos ampliando as razoes de se retirar o exercito, disse: que buscar empenhos difficultosos sem meyos proporcionados era erro indisculpavel, que os Castelhanos defendião Badajoz como a Praça mais principal daquella Provincia, e que por este respeito se achavaõ dentro todos os Cabos, e Officiaes, com taõ grosso presidio que excedia a qualquer das partes do exercito que intentava dividido sitiála; que a circunvalação era taõ larga, occupando-se o terreno de huma, e outra parte do Guadiana ( como era preciso para evitar os soccorros ) que se entendia mais de tres leguas, e que sò para guarnecer os fortins, e linhas que se levantassem, era necessario dobrado exercito; que se achavaõ sem artilharia grossa para sustentar as batarias que se deviaõ fazer: que a reputação não perigava, pois não haviaõ repartido quartéis, nem começado aproches; e que El Rey dotado de summa prudencia se conformaria com as resoluções mais uteis a seu serviço; e que neste sentido o que sò convinha era sitiar outros lugares mais faceis de conseguir, e de muito grande utilidade. Approvou o Conde de Obidos este parecer, e assentaraõ marchar contra Alconchel, Chéles, e Villa Nova del Fresno. Tomada a resolução referida, desalojou o Exercito de Badajoz a 20 de Settembro pela manhaã. Custou a assistencia daquelle alojamento 120 soldados, e entre elles o Capitão de Cavallos Antonio Machado da Franca, sentido de todos, por se conhecer nelle singular valor. Os feridos passaraõ de 150. O Conde de Santo Estevaõ vendo que o Exercito se retirava, fez fahir de Badajoz toda a guarnição, esperando valer-se na retaguarda de alguma desordem: porém a terra era taõ cortada de sanjas, e vallados, que guarnecendo se de mangas de mosqueteiros, impediã a resolução da Cavallaria: não conseguindo Joanne Mendes, pelo pouco exercicio militar daquelle tempo, pequeno applauso pela disposição desta retirada. Ficou o Exercito alojado aquella noite em Telena, e deixou destruida toda a campanha visinha a Badajoz. O dia seguinte alojou fora do Alcornocal, que largamente occupa

Annõ  
1643!

*Voto de Joanne  
Mendes.*

*Retiraseõ exercito.*

Anno  
1643.

*Manda El Rey retirar o Conde de Obidos, e Joanne Mendes, e entregar o exercito a Mathias de Albuquerque.*

aquella campanha para aparte de Valverde. Passou a alçar na ferra de Olor, e naquella noite havendo o Conde de Obidos distribuido as ordens para se dar principio ao intento proposto, lhe chegou hum correyo com resolução del Rey, para que elle, e Joanne Mendes de Vasconcellos se recolhessem a Lisboa, donde sem nova ordem não sahirião de suas casas, e que o exercito ficasse entregue a Mathias de Albuquerque. Foy a causa del Rey despedir esta ordem (que pudera ser muito arriscada) a não ter Vassallos tão fieis, e obedientes) o sentimento que teve da empresa de Badajoz: porque quando o exercito marchou para aquella Praça, foy sem se lhe dar conta senão depois de se chegar a ella, e dissimulando este enfado com as esperanças que se lhe deraõ de se ganhar Badajoz, passou apertadas ordens a todo o Reino, para que toda a gente capaz de tomar as armas acodisse ao exercito, e ordenou todas as mais prevençoens pertencentes ao fim da empresa começada. Vendo pois que os mesmos que o obrigaraõ a estas disposiçoens, e a revolver todo o Reino, haviaõ sem consentimento seu levantado o sitio de Badajoz, ficando por este successo na sua consideração exposto a poderem avaliarse as suas acçoens por pouco ponderadas, e as suas ordens por intempestivas, se deliberou a antepor a este perigo todos os mais que podiaõ acontecer, e a dar satisfação ao Reino, tirando do exercito os dous Cabos mayores delle. Obedecerãõ elles promptamente, e despedindo-se Joanne Mendes de Mathias de Albuquerque, lembrado do seu voto em Badajoz, e suspeitando que fora arrificio para conseguir este successo, lhe disse: Agora tomará V. Senhoria Badajoz Mathias de Albuquerque, que era discreto, e prudente lhe respondeo: Mal poderey eu intentar empresa, que V. Senhoria sendo tão grande Soldado não pode conseguir. Naquella noite sahirãõ os dous do exercito, e ficou entregue a Mathias de Albuquerque com grande satisfação dos soldados, de quem era summamente amado, assim pelas virtudes, que reconhecãõ no seu animo, como pelo grande cuidado que tinha de lhes procurar todas as commodidades. Esta mudança de governo foy util

aos

aos Portuguezes moradores de Badajoz : porque o Conde de Santo Estevão não entendendo o fim que o Exercito tivera para sitiar aquella Praça, e se retirar sem accidente algum, suspeitou que fora intelligencia, e concerto entre elles, e os Cabos do Exercito, para entregarem Badajoz. Quando o Conde sahio desta Praça para Merida com esta suspeita, os mandou prender, e pôr alguns a tormento : porem constando-lhe a demonstração que ElRey havi feito com os dous Cabos principaes do Exercito, conhecendo a innocencia dos moradores, mandou soltallo.

Mathias de Albuquerque, não alterando a disposição do Conde de Obidos, despedio o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria, e quinhentos Infantes a queimar as Villas de Albufeira. Almendral, e Torre, todas de dilatada povoação. Chegando a ellas o Monteiro mór, achou-as sem gente, mandou-lhes pôr o fogo, reservando as Igrejas, e hum Convento de freiras que havia no Almendral, e voltando para o Exercito, o achou aquartelado na ferra de Olor, que fica junto a Olivença da outra parte daquella Praça. O dia seguinte, que eraõ 29 de Setembro, marchou Mathias de Albuquerque contra Alconchel, e levou de Olivença dous meynos canhões, ainda que com pouca esperança de serem de utilidade, pela grande aspereza do sitio em que o Castello está fabricado. Alconchel fica tres leguas de Olivença para a parte de Xerês, a Villa que se compunha de seiscentos visinhos, se estendia pela campanha, a hum lado della, olhando a Portugal, se levanta o Castello, taõ antigo, que o ganhou aos Mouros ElRey D. Affonso Henriques no anno de 1166, occupa o alto de hum levantado monte, sem haver nelle mais sitio, que o que foy necessario para fabricar o Castello, sendo precipicio toda a circumferencia. Sobe-se ao Castello por hum estreito, e aspero caminho, que tem principio com diferentes voltas na Igreja da Villa. Estava dentro D. João de Menezes Soto Mayor Marquez de Castro Forte, senhor de Alconchel. Tinha o Castello trezentos Infantes de guarnição, e todas as mais prevenções necessarias para hum largo sitio: a Villa estava

Anno  
1643.

*O Monteiro mór  
queima algumas  
Villas.*

*Sitio de Alconchel*

Anno  
1643.

rodeada de huma trincheira, a Igreja terraplenada, e os moradores dispostos a se defenderem em huma, e outra parte. Tanto que o Exercito chegou a Alconchel reconheceo Mathias de Albuquerque, e D. Joaõ da Costa todos os postos, e julgáraõ muito duvidosa a empreza do Castello: porém a industria venceo todas as difficuldades. Mandou Mathias de Albuquerque a D. Joaõ da Costa, que fizesse subir a hum monte, quasi igual ao Castello, entaõ muito affastado d'elle, os dous meyo canhoens, e duas peças de melhor calibre. Conseguiu-se, ainda que com grande trabalho, fizeraõ-se as platafórmãs, e preparou-se à vista dos moradores o assalto da Villa; os quaes obrigados do temor fizeraõ o que Mathias de Albuquerque desejava, que era recolherem toda a gente inutil dentro do Castello, para que a falta dos mantimentos, e os clamores das mulheres facilitassem a entrega d'elle. Na mesma noite que se fizeraõ as platafórmãs, ganharaõ Luiz da Silva, e Joaõ de Saldanha com grande perigo huma Hermida, que ficava a tiro de arcabuz do Castello, e humas casas quasi em igual distancia, onde pozeraõ hum morteiro, começou a jogar a artilharia sem mais effeito, que derrubar algumas améas. Tocou a André de Albuquerque investir ao mesmo tempo as trincheiras da Villa entrou-as com o seu Terço, custando as vidas de quatorze soldados; persuadio aos que defendiaõ a Igreja que se rendessem sem aguardarem a ultima ruina. Naõ querendo elles ceder, se expuzeraõ a padecer a mayor desgraça, por que dos artificios de fogo, que se lançaraõ dentro se ateou de sórte na muita roupa, que estava recolhida na Igreja, que rompendo o fogo o tecto, communicou-se á Capella mòr, foraõ aquelles moradores lastimoso emprego das chammas, a naõ lhes valer a grande piedade de André de Albuquerque, a cujo valor andava unida esta virtude: advirtio a hum Frade Capucho que appareceo no telhado, que salvasse o Sacratio, e pedindo-lhe o Religioso da parte dos moradores misericordia, a qual elles imploravaõ com sentidas, e levantadas vozes que feriaõ o ar, rompendo o fogo, e o fumo, respondeo-lhes André de Albuquerque, que estava prompto para os ajudar,

Auno  
1643.

se do Castello suspendessem os tiros, donde cahiaõ tantas ballas, que offendiaõ igualmente os Castelhanos, e Portuguezes. Fez-se aviso ao Castello, e ajustou-se suspensão de armas por tres horas: abriã-se dous portinhos na parede da sancristia, preservou-se do fogo a Capella mór, e ficaraõ livres os moradores. Acabadas as tres horas, continuãraõ as baterias com pouco effeito: porém as bombas intimidavaõ de forte a gente do povo, que estava dentro do Castello, que com repetidos clamores desanimavaõ os soldados, e obrigavaõ ao Governador a se arrepender de os haver recolhido. Luiz da Silva, e André de Albuquerque ganharaõ com difficuldade huns penhascos visinhos da muralha, e Joaõ de Saldanha, e Ayres de Saldanha levantaraõ huma trincheira, pela qual se communicaraõ com a Hermida que se havia occupado, e de huma, e outra parte se foraõ ganhando postos, favorecidos os soldados, que se melhoravaõ de terreno, das mangas de mão posta, as quaes com fogo vivo não davaõ lugar aos do Castello a poderem atirar como desejavaõ. Obrigados deste temor, e do receyo das bombas, appareceo na muralha huma bandeira branca; mandou Mathias de Albuquerque averiguar a causa, respondeo hum Sargento mór, chamado Joaõ de Pedraffa; soldado de conhecido valor, que se retirassem para os seus postos, porque a bandeira fora desordem, e o Castello, se havia defender em quanto elle tivesse vida. Assim succedeo, porque continuando as baterias, foy morto de huma balla de mosquete, e crescendo nos soldados o receyo suspenderaõ a defesa. Trataraõ logo de partidos, deraõ refeas, e entregaraõ o Castello. Sahio delle Dom Joaõ de Menezes com toda a sua familia, os soldados pela capitulaçaõ ficaraõ detidos até se acabar a campanha. Mathias de Albuquerque deixou no Castello Manoel da Silva Peixoto, Sargento mór de Ayres de Saldanha, com duzentos Infantes; parecendo aquelle sitio capaz de se guarnecer, para segurança das partidas, que entravaõ em Castella.

*Entrega-se o  
Castello de Al-  
conchel, que se  
guarnece.*

Antes que o Exercito sahisse de Alconchel, mandou Mathias de Albuquerque a Dom Rodrigo de Castro



Anno

1643.

*Rede-se Figueira de Vargas.*

com seiscentos Cavallos reconhecer Figueira de Vargas, tres leguas de Alconchel, Villa de quatrocentos vizinhos com huma trincheira, e hum Castello governado por Dom Gabriel da Silva, de quem era a Villa, casado com Dona Anna de Mendocça, irmã de Pedro de Mendocça. Entendendo Dom Gabriel que as Tropas de Dom Rodrigo eraõ a vanguarda do Exercito, rendeo o Castello com permissãõ de passar a Xerès, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Ficãõ no Castello duas Companhias de Infantaria para mayor segurança dos combois, em quanto durasse a campanha, se acaso o inimigo os impedisse por outras estradas. Incorporado Dom Rodrigo com o Exercito, marchou de Alconchel para Villa Nova del Fresno, quatro leguas distante, deixando Olivença á mão esquerda. Adiantou-se o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria a ganhar postos sobre Villa Nova para lhe evitar os soccorros: chegou o Exercito o dia seguinte. He Villa Nova fabricada em hũa eminencia, a que se sobe por todas as partes por entre pomares, e hortas. Estende-se a Villa em fórma prolongada, cercada de huma muralha antiga, que por huma, e outra parte rematava no Castello, situado para onde o Sol nasce, que he a parte que olha a Badajoz. O Castello era grande, e quadrado, franqueava-se com alguns torreõens, rodeava-o huma barbacaã bem feita, e hum fosso naõ muito largo. Havia além do primeiro recinto, tres interiores, e unia-se a ultima muralha para o nascente. O Arrabalde da Villa, defendido de huma larga trincheira, constava de quatrocentos fogos, e na Villa havia seiscentos. Seguia-se huma grande quinta do Marquez de Barca Rota, de quem era Villa Nova, e hum Mosteiro de frades de S. Francisco. Constava a guarnição de seiscentos Infantes pagos, e sessenta Cavallos, fóra os paizanos, governados pelo Mestre de Campo Dom Francisco Geldres, assistido de Dom Francisco Agüero, Mestre de Campo, e Engenheiro. Haviaõ lançado para Xerès a gente inutil, e achavaõ-se na Praça muitas pessoas de qualidade de todos os lugares vizinhos. Tinha o Castello duas peças de artilharia de bronze, e muitas munições, e mantimentos; sustentava-se da agua de hũa grande cisterna;

*Sitio de Villa Nova del Fresno.*

Anno  
1643.

terna; e os moradores receando o sitio recolherão quantida-  
 de em talhas. Tanto que acabou de chegar todo o ex-  
 ercito, mandou Mathias de Albuquerque marchar os  
 Terços cubertos do Castello, ordenando-lhes que fizes-  
 sem alto na parte opposta, que fazia rosto aos luga-  
 res de Castella mayores, e mais visinhos. Adiantou-se  
 Mathias de Albuquerque a reconhecer a Praça, e ob-  
 servando-a, não deixou de recear as difficuldades que se  
 lhe offerenciaõ, vendo-a muito capaz de se defender,  
 o Trem do Exercito falto de instrumentos de expug-  
 nação, o inverno visinho, e os soldados molestados  
 do rigor do Sol muito nocivo naquelles mezes, por an-  
 dar muito baixo, de que se originava adocerem em grande  
 numero: porém a importancia da Praça, e a reputação  
 das Armas o obrigaraõ a romper por todos os impossiveis.  
 Ordenou logo ao Sargento mór Belchior do Crato,  
 que com quatro mangas de mosqueteiros ganhasse humas  
 hortas, que os Castelhanos defendião, por sustentar a  
 agua, que levavaõ para a Villa: obrigou-os a desampa-  
 rarem o posto, e morreo na empreza o Capitão Francisco  
 Soares da Cunha. Naquella noite ganhou João de Sal-  
 danha com o seu Terço o Arrabalde, e ficou levemen-  
 te ferido em huma perna. Nas ultimas casas delle levan-  
 tou Dom João da Costa huma plataforma, em que poz  
 dous mezos canhoens, que começaraõ a jogar tanto que  
 amanheceo; porém com pouco effeito, por ser a mura-  
 lha do Castello terraplenada. Tambem as bombas de hum  
 morteiro, que daquella parte começou a jogar, não fa-  
 ziaõ grande damno. Outra bateria se levantou contra a  
 Villa, que jogava da outra parte do Arrabalde: mas  
 sendo as peças ligeiras era mayor o estrondo que o pre-  
 juizo. Mathias de Albuquerque considerando o pouco  
 effeito das baterias, mandou ao Mestre de Campo da  
 Armada Dom Antonio Ortiz com seiscentos Infantes do  
 seu Terço, e ao Commissario Geral da Cavallaria Dom  
 João de Ataide com trezentos Cavallos buscar a Oli-  
 vença dos mezos canhoens. Quando voltavaõ com elles  
 para o Exercito, e setecentas cargas de munições, e man-  
 timentos, descobrirãõ os batedores cinco Tropas do ini-

*Ganha João de  
Saldanha o Arra-  
balde.*

Anno  
1643.

migo: que vigorosamente os carregaraõ. Soccorreo os Dom Joaõ de Attaide a tempo que appareciaõ outras cinco: fez elle alto, e aguardou ao Conde Fialco, que vinha de retaguarda. Unio-se-lhe brevemente a Infantaria, e formados marcharaõ a buscar os Castelhanos. Naõ quizeraaõ elles pôr em contingencia o successo, retiraraõ-se, dando lugar ao comboy a que chegasse ao Exercito. Antes que se reformasse a bateria, mandou Mathias de Albuquerque persuadir ao Governador que se rendesse, e naõ quizesse experimentar na furia dos soldados o damno que padeciaõ os contumazes, que pelejavaõ sem esperança de foccorre. O Governador respondeo, que agradecia a advertencia, mas que na Praça havia tudo, o que era necessario para defendella muitos mezes, que era o que tocava á sua obrigaçaõ, e aos seus Generaes foccorrello, quando lhes parecesse conveniente. A este tempo tinha a artilharia arruinado hum lanço da barbacaã, e parte de hum torreaõ. Pareceo-lhe a Mathias de Albuquerque a ruina capaz de assalto: mas como se naõ havia conseguido cegar-se o fosso, tendo o inimigo queimado por muitas vezes as faxinas que se lançavaõ dentro parecia a empreza muito difficultosa. Para a facilitar ordenou D. Joaõ da Costa huma ponte de madeira, que por naõ ser o fosso largo, podia dar caminho para se chegar á muralha. Lançou-se a ponte duas horas antes de amanhecer, divertindo repetidas cargas de artilharia o preciso ruido de armalla. Foy o primeiro que se offereceo ao perigo; de a passar, Joaõ Rodrigues de Sá Camareiro mór delRey, que havia dado nas occasioens passadas grandes mostras do seu valor. Fizeraõ o mesmo trinta Officiaes, e pessoaas particulares, nomeou-lhes Mathias de Albuquerque por Cabo a Fulgencio de Matos, Capitaõ do Terço de Joaõ de Saldanha. Entraraõ todos com grande resoluçaõ na ponte: porèm sentindo os os Castelhanos, acodiraõ àquella parte com tantos instrumentos de fogo, e pedras, que lançaraõ, que naõ podendo resistir os que estavaõ na ponte, cahiraõ cinco no fosso mortos, e alguns feridos. O Camareiro mór, e os mas chegaraõ á brecha, e acharaõ que estava taõ alta, e taõ bem defendida, que era

*Defede-se a Praça  
com valor*

im.

Anno  
1643.

impossível entrar por ella. Vendo Fulgencio de Matos o damno que sem fruto recebiaõ, mandou tocar a recolher, e retiraraõ-se todos quando rompia a manhã. O mesmo effeito experimentou Gilot, engenheiro Francez, a noite seguinte a esta: porque querendo arimar humas mantas á muralha do Castello, foy rebatido dos sitiados, retirando-se ferido, deixando alguns mortos. No mesmo tempo destas operaçoens se voltáraõ as baterias contra as defensas com melhor emprego, do que se conseguia na muralha. Arruináraõ as casas do Marquez, donde se recebia muito damno, e huma meya lua, que cobria a porta principal do Castello. Fabricáraõ-se logo tres minas contra a muralha daquella parte: atacada a principal, se lhe deo fogo, cahio hum grande lanço, custando as vidas a muitos soldados Castelhanos. Com este damno começou a entrar o temor nos sitiados, que se accrescentou com outra ruina, que a artilharia mudada, por ordem de Mathias de Albuquerque, fez na muralha, que dividia o Castello do Arrabalde, vindo a terra por ser mais fraca a mayor parte della. Receosos do assalto, readidos do trabalho, e desesperados do soccorro, tratáraõ os sitiados de se entregar. Mandou o Governador hum Religioso de Santo Antonio fallar com Dom João da Costa, que assistia na bateria, dizendo que estava resoluto a render a Praça. Dom João da Costa lhe respondeo, que aquellas materias as não tratavaõ senão Officiaes de Guerra. Com esta resposta tornou o Governador a pelejar; mas durou-lhe pouco tempo o ardor, e tocou caixa para a parte opposta, onde estava de guarda com o seu Teiço o Mestre de Campo Francisco de Mello. Enfadado Dom João da Costa de não capitular a Praça, pela parte onde elle assistia mandou continuar as baterias, recebendo grande prejuizo os Castelhanos, que se haviaõ descuberto na se de se quere rem entregar. Advirtido o Governador com este damno, chamou para o lugar das baterias: suspendeoras D. João da Costa; e sahio da Praça o Sargento mór Dom Sebastião de Negreiros. Ajustaraõ as capitulaçoens na forma das de Valverde, só com a differença de se entregarem os cavallos que houvessem na Praça, fora os dos Officiaes,

Rende-se a fór  
tifica-se Villa  
Nova.

e toda

Anno  
1643.

e todas as armas. Dado, refens de huma, e outra parte; fahio o Governador com quinhentos Infantes, e setenta e quatro soldados de Cavallo, e entrou na Praça Dom Antonio Ortiz com o seu Terço, ( duzentos moradores que havia na Praça se passaraõ para Xerês. ) Achou nella muitas armas, e mantimentos. Ficou governando a Bento Masciel Parente, Sargento mór do Terço de Joaõ de Saldanha com dez Companhias de varios Terços. Brevemente o rendeo o Mestre de Campo André de Albuquerque com o seu Terço, mandando o ElRey para aquelle presidio, e a Joaõ Palchasio Cosmander, com ordem que reduzisse o sitio do Castello a fortificaçaõ moderna: o que executou com grande brevidade. Em todas as occasioens que se offerecêraõ, assim neste sitio, como nas mais daquella campanha, eraõ os primeiros no perigo, e trabalho os Titulos, e Fidalgos que andavaõ no Exercito; porque á competencia le excediaõ huns aos outros no valor, e no desejo da defensa da sua Patria. A perda de Villa-Nova foy muito sentida dos Castelhanos, pela grande oppressaõ que dava aos Povos visinhos o presidio que ficou naquella Praça, e pela reputaçã das Armas de Portugal, que viaõ prevalecer como conquistadoras contra o mesmo Príncipe que determinava sujeitallas. O Exercito passou de Villa-Nova a Figueira de Vargas, donde se retirou a guarniçaõ, ficando arrazado o Castello, e destruhida a Villa. O mesmo se executou em Chéles, que os Castelhanos haviaõ despovoado: passou a Alconchel, e entrou em Olivença com taõ grande tempestade, que impedio a Mathias de Albuquerque continuar os progressos da campanha, considerando que como era principio de Inverno, todos os dias que succedessem feria mais rigoroso o tempo.

*Retira-se o Exercito.*

*Passa ElRey a Villa Viçosa.*

Despediraõ-se os soccorros das Provincias; e dividiraõ-se as guarniçoens pelos quartéis costumados. Aquartelado o Exercito, passou Mathias de Albuquerque a Villa Viçosa, onde ElRey havia chegado a aliviar alguns dias as saudades, que sempre teve daquelle sitio. Recebeo a Mathias de Albuquerque com grandes honras, e merecidas das suas virtudes. O mesmo favor experimentaraõ da sua grandeza os Cabos, e Officiaes do Exercito que

che-

Anno

1643

*Recolhe-se a Lisboa.*

*Nascimento do Rey D. Affonso.*

chegáraõ a beijarlhe a maõ. Voltou para Evora, e a cinco de Outubro partio para Lisboa, onde foy recebido com grande contentamento, amando'o o povo como Pay, venerando'o como Rey, e considerando'o victorioso. Achou nascido no mez de Agosto o Infante Dom Affonso seu filho segundo, que depois pela infeliz morte do Principe Dom Theodosio veyo a ser primogeito. Havia sido bautizado com grande solemnidade por Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas, e Capellaõ mór del Rey, sendo seus Padrinhos o Principe Dom Theodosio, e a Infanta Dona Joanna. Naõ teve El Rey to esta occasiaõ de contentamento nesta jornada, senaõ tambem a universal aceitaçaõ do governo da Rainha na sua ausencia. Passou á Corte Mathias de Albuquerque, e ficou governando Alentejo o Monteiro mór General da Cavallaria: que de Olivença, aonde estava, foy assistir em Elvas: e constando-lhe que na deveza de Pedra Buena, que era do Almirante de Castella, se havia levantado hum casa forte, guardada de alguns mosqueteiros, que defendia quantidade de gado, que pastava naquelle sitio, marchou com setecentos Cavallos a buscar a preza, e destruir a casa. Hum, e outro intento conseguiu Dom Rodrigo de Castro com duzentos Cavallos que levava de vanguarda. Chegou o aviso a Albuquerque, lançaraõ os Castelhanos duzentos Infantes, e trinta Cavallos, esperando tirar a Dom Rodrigo a preza em hum passo estreito visinho á Praça, por onde forçosamente havia de passar. As partidas que estavaõ sobre Albuquerque, deraõ esta noticia ao Monteiro mór; que mandou ao Capitaõ D. Antonio Alvares da Cunha com a sua Companhia, e alguns Dragoens, ordenando-lhes que impedissem aos Castelhanos a determinaçã que traziaõ. Conseguiu-se como se dispoz: porque naõ lhes valendo retirarem-se a hũa terra aspera, foraõ todos derrotados, ficando muitos mortos, trazendo D. Antonio os outros prisioneiros. No mesmo dia, que o Monteiro mór fez esta entrada: sahio Dom Joaõ de Attaide de Arronches, onde estava de quartel com cinco Companhias, entrou em São Vicente, duas leguas distante, e nas ruas do lugar, que era aberto, fez alguns Castelhanos prisioneiros: passou adian-

*Ganha o Monteiro mór Pedra Buena com rota dos Castelhanos.*

*Açoes de D. Joaõ de Attaide.*

Anno  
1643.

te, correo a campanha de Valença, e trazendo huma grande preza, sahio a querer tirar'ha Dom Francisco de Inojosa Capitão de Cavallos com a sua Companhia, derrotou'ha D. Joaõ, e trouxe'o prisioneiro. Retirou-se com a preza a Arronches, e passados quatro dias teve noticia, que o inimigo com cem Cavallos, e trezentos Mosqueteiros havia entrado no Affumar; que distava só huma legua de Arronches, e que levava a mayor parte dos paizanos prisioneiros. Achava-se D. Joaõ com cincoenta Cavallos, e outros tantos Infantes: marchou com elles a buscar o inimigo: seguindo'o alguns paizanos com espingarda. Apreslaram de forte a marcha, que ganhou huma das ferras que corre para Albuquerque, antes que os Castelhanos a occupassem. Chegaram elles sem cuidado do perigo que os ameaçava; atacou-os D. Joaõ com tanto vigor, que sem lhes dar lugar para se formarem, os desbaratou, matando huns, e fazendo outros prisioneiros, entrando nelles o Capitão de Cavallos Sebastião Correa, natural de Olivença, que tantas diligencias havia feito pela entregar aos Castelhanos, como ja referimos. Esteve muitos annos prezo em Lisboa, e na prizaõ veyo a acabar a vida. Entendiã-se de forte neste tempo os successos acaso com as boas fortunas, que antes que D. Joaõ de Ataide avançasse, vinhaõ os Castelhanos dizendo aos prisioneiros que levavaõ do Affumar: que ja que o seu Rey Dom Joaõ era santo, como diziaõ, que chamassem por elle, que os livrasse daquelle trabalho ( porque haviaõ determinado antes obrigarlos a que dissessem: Viva El Rey D. Philippe, e elles com grande constancia respondido: Que não queriaõ negar o seu Rey que era santo. ) Não haviaõ os Castelhanos acabado de pronunciar as palavras referidas; quando os investio, e derrotou Dom Joaõ de Ataide, e livrou os prisioneiros, os quaes espalharam este successo pelos Povos em grande utilidade do serviço del Rey. Esta foy a ultima occasiaõ este anno na Provincia de Alentejo: porque o Inverno cerrou a porta de Jano, e suspendeo a guerra.

*Constancia fiel  
dos Portuguezes*

Em quanto as Armas de Alentejo se illustravão com successos tão ventajosos, não estiveraõ ociosas as

Armas

Armas das outras Provincias. Passou o Conde de Castello-Melhor a governar Entre Douro, e Minho, e tendo por mais proprio, para se livrar do máo trato que havia padecido na prizaõ de Cartagena de Indias, o estrondoso da guerra que o de canço da Corte, sahio de Lisboa a 27 de Março, e entrou na sua Provincia com geral acceitação de todos os moradores della, pela opiniaõ que dignamente havia adquirido de valor, de zelo, e de affabilidade. Achou as Praças muito destituidas de todas as prevençoens necessarias para se defenderem; porque o governo dos tres Mestres de Campo não podia ser tão activo, nem tão respeitado da Provincia, e da Corte, que os preceitos, e os avisos se lograssem com a regularidade que convinha. Fez o Conde passar mostra, e achou-se só com mil Infantes pagos, e tantos Officiaes, que requeriaõ mayor numero de soldados. Reformou os que eraõ superfluos, pagou tres mezes, e accodio ao mais precizo. Informou-se das forças, e das Praças do inimigo; e determinou dar feliz principio ao seu governo, interpendendo a Villa de Salvaterra, frouteira a Monçõ, situada sobre o rio Minho, que era a sua mayor segurança, porque não se podia passar a ella sem passar o rio em barcos, por se não vadear em porto algum daquelle districto. Nasce o rio Minho em Galiza na fonte Minhaõ; donde toma o nome, quatro leguas para o N. re da Cidade de Lugo que vem buscar, banhando os muros del'a, junto da ponte das Meistas em Porto Marim. Entra nelle o rio Sil, tão caudaloso, que dizem vulgarmente os moradores, que as aguas saõ do Sil, e do Minho a honra do nome. Com outros muitos rios se vay engrossando o Minho, e fertilizando muitos lugares, até entrar por hum só arco de huma maravilhosa ponte junto da Cidade de Orense: passa por Ribadávia, e chegando a Raya de Portugal, corre a Poente, formando elle a Raya perto de onze leguas, e enriquecendo-se com as aguas de 14 rios, os mais delles muito caudalosos, e depois de passar por Melgaço, Monçaõ, Valença, Villa Nova de Seveira, e Caminha, e de costear pela parte de Galiza as Villas de Crescente, e Salvaterra, a Cidade de Tuy, e

Anno  
1643.

*Successos de Entre Douro, e Minho, que governa o Conde de Castello-Melhor.*

*Discripção do rio Minho.*



Anno  
1643.

outros muitos lugares, recolhe mais onze rios todos abundantes de aguas, e com 38 leguas de curso, se confunde com as aguas do mar na Villa de Caminha. Antes que o Conde de Castello-Melhor chegasse a governar a Provincia do Minho, havia o Mestre de Campo Vióle Datis fabricado alguns barcos com intento de ganhar Salvaterra, que foraõ ao Conde de grande utilidade nesta mesma empreza. Era Governador de Salvaterra Gregorio Lopes de Puja, e guarnecia a Villa com seis Companhias pagas, fóra a gente da terra: sustentava com grande cuidado varias correspondencias com os nossos lugares, de que lhe resultava ter aviso de todos os movimentos, que se fazião da nossa parte. A certeza destas intelligencias obrigou ao Conde de Castello-Melhor, para as divertir, a passar a Ponte de Lima, seis leguas da Raya, onde depois fez sem ruido as prevençoens da interpreza. Tendo ajustado tudo o que julgou conveniente, fingio nos ultimos dias de Mayo, que lhe chegára aviso de Dom João de Sousa da Silveira Governador das Armas de Traz os Montes, que havia succedido a Rodrigo de Figueiredo; de que os Castelhanos entravaõ com grosso poder por aquella Provincia, e que para a defender lhe pedia socorro. Com este pretexto mandou ordem ao Mestre de Campo Vióle Datis, que estava em Villa Nova de Serqueira, que tirasse 500 Infantes das guarniçoens das Praças visinhas, e que marchasse com elles meya legua diante de Monção; porque este sitio era visinho às barcas, e caminho de Traz os Montes. Despedida esta ordem partio o Conde para Monção, e prevenio carruagens para passar a Melgaço tres leguas distante, publicando que hia despedit o socorro de Traz os Montes. Tanto que anoiteceo, se poz em marcha, fazendo primeiro vir barqueiros de Lapella. Executou o mesmo Vióle Datis, e á meya noite estavaõ ambos junto das barcas com 250 soldados, que eraõ os que cabiaõ nellas. Entrou dentro o Mestre de Campo Vióle Datis, e o Sargento mór Roque moit Francez de nação, e o Conde com o resto da gente marchou para hum Mosteiro de freiras de Santa Clara, que hea defronte do sitio, onde havia de desembarcar

Anno  
1643.

embarcar a vanguarda, levando os barqueiros expressa ordem para voltarem a buscar a gente que ficava, tanto que lançassem em terra a primeira que conduziraõ. Sentiraõ as sentinellas do inimigo o rumor dos primeiros barcos, tocaraõ arma, fizeraõ o mesmo os sinos de Salvaterra; apertaraõ os barqueiros com os remos, saltou a Infantaria em terra, e assaltou as trincheiras com tanto valor, e velocidade, que os Galegos que hiaõ accodindo ao rebate encontravaõ primeiro a morte que a trincheira, porque acharaõ os Portuguezes dentro da Villa. Entrou o Governador em o numero dos mortos, pelejando com tanto valor, que primeiro tirou a vida a dous soldados nossos, tendo hum delles Joaõ Sanches de Moscozo natural de Monçaõ, que naõ passando de 16 annos lhe deo muitas feridas antes que elle o mataste. Voltaraõ os barcos ao porto finalado, entrou nelles o Sargento mór Luiz de Oliveiros Famel com outros 250 Infantes, deu hum dos barcos em seco, meteole o Conde no rio até os peitos, e ajudouro com os hombros a sahir do embaraço, justificando nesta acçaõ, que podia sustentar nelles o pezo do governo da Provincia. Desembarcou o Sargento mór com o segundo Corpo de Infantaria, cederaõ de todo os Galegos, e largaraõ a Villa tirando alguns, que se recolheraõ ás casas do Conde de Salvaterra, que estavaõ fortificadas. O Conde passou a Salvaterra, e naõ se achando com poder para sustentar esta Praça, que era todo o seu desejo, para ficar com porta aberta em Galiza, naõ quiz que se investissem os soldados, que se recolheraõ ás casas do Conde de Salvaterra, por naõ perder gente sem utilidade, naõ trazendo prevençoens para obrigar aos Galegos a que se rendessem. Saquearaõ os soldados a Villa, e puzeraõ fogo ás casas. Foy o damno consideravel por assistirem em Salvaterra muitos mercadores com grossos cabedaes. O Conde se retirou sem mais perda que a de 14 soldados.

Ganha-se Sal-  
vaterra.

Governava as Armas de Galiza D. Martin de Redim Prior de Navarra da Ordem de S. Joaõ: achavase em Ponte Vedra, e sentindo a perda de Salvaterra, de terminou satisfazela: juntou grosso poder na Villa de Sella-  
Nova

## 442 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1643.

Nova na Raya Seca oito leguas de Salvaterra. Tendo o Conde esta noticia marchou a fortificar alguns passos estreitos, por onde o inimigo forçolamente havia de passar, e guarneceo os de Infantaria paga. Bastou esta prevenção para divertir o intento do Prior de Navarra; e o Conde, não querendo ter as Armas ociosas, fez conduzir o barcos em que havia passado a Salvaterra, a huma enseada junto a Lapella: embarcou nelles com Infantes á ordem de Pedro de Betancor Ajudante do Tenente do Mestre de Campo General, e mandou-lhe que investisse hum reducto que o inimigo havia feito da outra parte do rio, que por aquella, era taõ estreito, que com os arcabuzes chegavaõ a Lapella em grande prejuizo dos moradores desta Praça. Embarcou-se Pedro de Betancor, sentiraõ-no duas Companhias de Galegos que estavaõ no fortim, e intentaraõ em vaõ defenderle; porque os nossos soldados, desprezando a arte, cobertos de valor investiraõ o reducto, e ganharaõ-no, largando-o os Galegos, depois de alguns delles mortos. Acodio ao rebate huma Companhia de Cavallos, deteve os que fugiaõ, e unidos todos quizerãõ recuperar o reducto: porém achando-o melhor defendido, desistiraõ da empreza. Arrazou-o Pedro de Betancor, e retirou-se com alguns soldados feridos. Intentou o Conde desmantelar outro reducto, que o inimigo tinha levantado na barra de Caminha, opposto a hum que haviamos fabricado desta parte: marchou a esta empreza nas barcas do Capitaõ Thomé de Passos com sessenta Mosqueteiros, mas faltando-lhe a maré, não conseguiu o intento. Acodiraõ os Galegos a esta parte, entendendo que era mayor o poder, e o Conde attento a todos os accidentes mandou o Sargento mór Luiz de Oliveiros com setecentos Infantes a queimar o lugar de Desteriz, que ficava na Raya Seca, junto da ponte das Varzeas doze leguas da barra de Caminha. Marchou Luiz de Oliveiros, e ainda que achou oppostos oitocentos Infantes, que governava o Mestre de campo D. Fradique de Valadares: queimou Desteriz, e o inimigo intentando na terirada cargar a nossa gente, foy de sorte rebatido, que deixan lo quarenta mortos desamparou o campo. Retirou-se Luiz de

*Luiz de Oliveiros  
queimou Desteriz.*

Anno  
1643.

de Oliveiros, e marchou logo o Capitaõ Christovãõ Mo-  
zinho com quatrocentos Infantes para o lugar de Tamu-  
gem na foz do Minho: chegou, e ganhou-o, ainda que os  
moradores se defenderãõ. O mesmo successo teve o Ca-  
pitaõ Pedro Mauricio Duquisné de nação Francez, que  
assistia em Melgaço nos lugares de Ferreiros, Pereiros, e  
Gogende, Sentindo os Gallegos por roda a parte o damno  
das nossas Armas, chegou ao Conde de Castello-Melhor  
ordem delRey para continuar a guerra com o mayor aper-  
to que lhe fosse possível, sendo o fim divertir o poder dos  
Castelhanos para que não engrossasse pela parte da Estre-  
madura, para onde ElRey determinava encaminhar os  
progressos das suas Armas: porem não correspondendo  
os loccorros á ordem, foy necessario ao Conde, para se  
prevenir, dispende os seus proprios cabedaes. Convocou  
com grande diligencia a gente mais luzida, e mais des-  
obrigada da Provincia, unio-se toda em Monção a treze  
de Agosto, e acharãõ-se cinco mil Infantes, de que eraõ  
pagos novecentos e cincoenta Cavallos, tolerando a aspe-  
reza daquelle sitio o pouco numero da Cavallaria, com que  
se intentava qualquer empreza. Dividio-se a Infanteria  
em sete Terços, e com esta gente determinou o Conde vol-  
tar sobre Salvaterra com intento de fortificar, e conservar  
aquella Praça, parecendo-lhe justamente o posto mais utii  
para molestar os lugares de Galliza. Da Hermida de N. Se-  
nhora dos Milagres, onde este poder estava junto, mar-  
chou o Conde de Castello-Melhor para Monção, meya  
legoa distante, e o denou ao Mestre de Campo Viõle Da-  
tis que passasse a Lapella com parte da Infantaria paga,  
e algumas pessoas principaes da Provincia, e que tanto que  
rompesse a manhã, se metesse nos barcos, que acharia  
preenidos, e que ao calor da artilheria, que mandava  
plantar desta parte do rio, procurasse saltar em terra, e  
que se acaso o conseguisse, voltassem os barcos para pas-  
sarem a gente que ficava. Viõle Datis ainda que fez gran-  
de diligencia por chegar a tempo, amanheceõ antes de  
entrar nos barcos, omissoã de que o Conde teve grande  
molestia, conhecendo as grandes difficuldades, que se ha-  
viaõ de vencer, para ter bom successo, sentindo o ini-  
migo

Anno.  
1643.

migo a nossa resolução antes de executada; porém superou o valor dos Officiaes, e Soldados; e sendo o primeiro que se embarcou Antonio de Queirós Mascarenhas, Capitão de hũa Companhia de Aventureiros, que se compuzha da gente mais nobre da Provincia, pôs a proa no porto opposto, e achouo defendido pelo Conde de Torrefon, Alernão General da Cavallaria de Galliza, com quinhentos mosqueteiros á sua ordem, cubertos de hũa trincheira bem franqueada. Fazia horror a opposição, mas buscando os nossos soldados, para saltarem em terra, a parte mais desquartinada da artilheria, e mosquetes de Lapella, desembarcou Antonio de Queirós com a sua Companhia, e valorosamente sustentou o posto que ganhou, até que veyo socorrê-lo o Mestre de Campo Vióle Datis. Incorporada a vanguarda, marcháraõ todos para as trincheiras, fayo o inimigo a recebê-los fora dellas com duzentos Infantes, e trezentos Cavallos, por lhe haverem chegado novos socorros. Teve Vióla Datis esta resolução por grande fortuna, por ser mais verosimil romper os Corpos sem trincheiras, que as trincheiras guarnecidas. Conrespondeo o successo á esperança, porque aindaque o inimigo resistio algum tempo com muito valor; largou o posto, e retirou-se com grande estrago para hũas eminencias, que ficavaõ meya legua antes de chegar a Salvaterra. Em quanto durou o combate foy engrossando o nosso poder com a gente que passava nas barcas, e o Capitão Duquisné com os cincoenta Cavallos deo grande calor á empreza. O inimigo voltou com a Cavallaria a atacar a nossa vanguarda; porém achando nella impenetravel resistencia, unidas as Tropas da Infanteria, se foraõ retirando para Salvaterra. Seguirãõ os nossos soldados o alcance com tanto ardor, que superando o que lhes causava o Sol, e a fede, chegáraõ os Capitães Antonio de Queirós, e André da Costa á ponte de Filhabõa, por onde forçosamente haviaõ de passar, e ganharaõ-na com tanta diligencia, que quando os Gallegos caíãõ no erro de a não defender (o que pudaõ conseguir, se a guarneceraõ antes) ja a acharaõ occupada, e taõ valorosamente defendida, que

*Ganha Vióle  
Datis as fortificações dos  
Gallegos.*

com

Anno  
1643.

continuavaõ a marcha para Salvaterra, desesperados de a recuperar, livrando em o numero da gente a esperança de se defender a Praça. Depressa a coheciãõ baldada; porque chegando a vanguarda ás tres da tarde, sem esperar que a mais gente se incorporasse, avançou Antonio de Queirós as trincheiras: seguiuãõ no os mais, e não dilatando o effeito da resolução, entrãõ a Villa, a pezar da resistencia dos Gallegos. Recolheo-se alguma Infanteria á fortificação, fabricada nas casas do Conde de Salvaterra, a mais gente se retirou para os lugares vizinhos. O Mestre de Campo Viõle Datis não quiz dar á variedade da fortuna tempo de se arrepender, investio a fortificação, mas achou tão perigosa resistencia que obrigou aos soldados a que se cobrissem de huma trincheira, que corria da Villa até a fortificação, levantada a primeira vez que se atacou Salvaterra, e que os Gallegos não desistezãõ, por não recearem segunda desgraça. Viõle Datis tendo a gente cuberta, desprezando o proprio risco, se descobrio para reconhecer a fortificação com tão infeliz valor, que acertando o huma balla pelos peitos, caõ do impulso do golpe, e em breve espaço morreu da ferida, com geral sentimento de todos os soldados, merecido do seu procedimento, e do zelo com que havia acodido á defesa deste Reino. Antonio de Queirós, estimulado desta desgraça, investio com as trincheiras a peito descoberto, e achando que o Conde de Castello Melhor fazia o mesmo, seguido da mayor parte dos soldados, lhe disse: *Senhor, quem traz aqui a Vossa Senhoria?* Respondeo o Conde com grande socego, e igual valor: *Ninguem me traz, eu venho.* A esta imitação, caindo hãns feridos, e outros mortos, ganhãõ os Officiaes, e Soldados as trincheiras: investiraõ com a porta, e ainda que os defensores se defendiaõ com grande valor, vendo infructuosa a defesa, se renderãõ, sendo dos primeiros que subiraõ ao alto das casas, em quanto se defendiaõ, o Ajudante Joaõ Cardoso, e Joaõ da Cunha Sotto Mayor. An-

*Ganha-se Sal-  
vaterra.*

*Morre Viõle  
Datis.*

*Pende-se a For-  
tificação.*

Anno  
1643.*Fortificação de Salvaterra.*

tonio de Queirós esmaltando com a piedade o valor que havia mostrado, defendeo os rendidos de os degolarem: porque os soldados estimulando-os a pena de ver morto o Mestre de Campo, lhes não querião dar quartel. Acharão-se vinte e seis mortos, e outros tantos feridos: ficáraõ prisioneiros cento e quarenta Gallegos, entre elles o Alcaide mór D. Francisco Sottelo; que morreo de duas feridas que havia recebido, e em todo o dia passáraõ de cento os que perdéraõ as vidas. Dos nossos soldados morreraõ vinte, e ficáraõ quarenta feridos. O inimigo, ajuntando a gente, que havia retirado, a formou defronte da Villa: porem, rendidos os da casa forte, formada a Infanteria, sahio o Conde com ella a buscar o inimigo, que não quiz aguardar o successo, defenganado da desgraça antecedente. O dia seguinte começou o Conde a fortificar Salvaterra, esperando lograr as utilidades, que havia considerado quando intentou esta empreza. Levantou primeiro huma trincheira capaz de se alojarem dentro della cinco mil Infantes, e guarnecendo-a, ficou seguro de qualquer intento a que o inimigo se arrojasse. Acabada a trincheira, mandou fabricar huma ponte de barcas, que lançou com difficuldade no Minho, por ser naquella parte muito fundo, e correr com muito impeto. Tanto que a ponte ficou segura, concorreraõ por ella todos os materiaes para a fortificação, a que se deo principio, arrazando o Arrabalde, e occupando só o sitio de hum monte, em que haveriaõ oitenta casas: levantaraõ-se quatro baluartes de canteria, e terraplenaraõ-se á prova com quartinas, e meyas luas, fossos, e estradas cubertas, e aperfeçoou-se toda a obra a pouco custo da fazenda Real. Durando o trabalho da fortificação, soube o Conde de Castello-Melhor que o inimigo fortificava a ponte de Filhabõa: ordenou ao Mestre de Campo Diogo de Mello Pereira, que succedeo no Terço a Viole Datis, que fosse com dous mil Infantes, e cincoenta Cavallos, de que era Capitão Duquisnê: a atacar na ponte a fortificação começada. Marchou elle, e encontrando no caminho quatrocentos Infantes do inimigo,

inimigos; e cem Cavallos, que caminhavaõ para a ponte, os investio, e desbaratou facilmente, matando muitos, e ficando prisioneiros cento e vinte. Continuou a marcha, chegou á ponte, e dividio a Infantaria em tres Troços. Chegou primeiro o que governava o Capitaõ Antonio Rodrigues Castelhana ( que havia ajudado ao Conde a se livrar da prizaõ de Cartagena ) assaltou valorosamente as trincheiras, e ganhou-as. Chegãrãõ os outros dous Troços, e obrigãrãõ ao inimigo a se retirar sem grande damno, que naõ he difficiloso nos lugares daquella Provincia, por ser o terreno taõ aspero, que bastaõ poucos mosqueteiros para segurar a marcha de hum Exercito sem offensa de outro mayor. Diogo de Mello, desfeitas as trincheiras, e desmantelado hum reducto, a que o inimigo havia dado principio, e que depois tornou a levantar, queimou alguns lugares que estavaõ visinhos á ponte, e retirou-se para Salvaterra. Os Gallegos cuidadosos da fortificaçõ de Salvaterra, que ameaçava grande ruina a todo o districto de Tuy, chave do Reino de Galliza, ajuntarãõ o mayor numero da gente que lhes fosse possivel, tirando de Bayona, da Curunha, e de Monte-Rey os soldados velhos, que se achavaõ naquelles presidios, e sendo Cabo deste Troço o Conde de Torrejon de General da Cavallaria, se alojou em hũa eminencia hum quarto de legoa de Salvaterra. Deste sitio baixou a vinte e cinco de Agosto, e occupou com a Cavallaria outro posto, chamado o Facho, visinho das trincheiras, e mandou marchar a Infantaria resoluta a atacã-las. Guarnecerãõ o Conde de Castello-Melhor, e lançou fóra dellas os Capitães Antonio de Queirós Mascarenhas, e Rodrigo de Moura Coutinho com trezentos mosqueteiros, os quaes se oppozeraõ valorosamente aos Gallegos, e recebendo a sua Cavallaria grande damno das repetidas cargas que atiravaõ as mangas, desalojou do sitio em que estava, sem aguardar que chegasse a Cavallaria que vinha marchando. Naõ se detiverãõ os dous Capitães em occupã-lo, e desorte o segurarãõ, que depois de quatro horas que durãrãõ

Anno

1643.

*Desbarata Diogo de Mello Pereira, os Gallegos*



Anno  
1643.

*Intēta o inimigo a Praça, e retirada-se.*

as cargas de huma, e outra parte, se resolveo o Conde de Torrefon a retirar-se, deixando na campanha quarrenta mortos, e ficando dos nossos soldados alguns feridos. Poucos dias depois deste successo teve o Conde de Castello-Melhor noticia, que o inimigo estava emboscado com grosso poder hum tiro de mosquete de Salvaterra, mandou sair da Praça o Capitão Pedro de Betancor com duas Companhias a descobrir a campanha. Pouco havia marchado, quando as Tropas do inimigo carregarão a nossa gente desorte, que a não se valer da aspereza do sitio, fora facilmente derrotada: mandou o Conde socorrê-la pelo Tenente do Mestre de Campo General com algumas Companhias, e logo em socorro destas o Mestre de Campo Diogo de Mello com todas as que havia na Praça. Porém o inimigo pelejava tão valorosamente, que era muito difficilissima a defenza nos vallados, e sitio aspero, e fez mayor o perigo a imprudencia do Capitão Christovão Mousinho; porque saltou fora dos vallados, e seguindo o outros Officiaes, e grande parte da Infanteria, investio com as Tropas do inimigo, as quaes reconhecendo a sua temeridade os investirão com tanto impeto, que, depois de perderem alguns soldados, e levarem outros feridos, se retirarão para outro sitio mais alto, e mais seguro. Quando andavaõ no mayor aperto lhes valeo a prudencia, e varonil coração da Condessa de Castello-Melhor, Dona Marianna de Alencastre: porque reconhecendo de Monção o conflicto, baixou ao rio, e fez conduzir com grande diligencia duas peças de artilheria, que jogavaõ a tempo tão proprio, que respeitando Marte o seu preceito, e encaminhando Vulcano obediente as ballas, se empregaraõ nas Tropas do inimigo com damno tão consideravel, que o obrigaraõ a retirar-se, e ficaraõ os nossos soldados (aindaque com alguns mortos, e muitos feridos, em que entrãõ o Tenente General da artilheria Francisco Latuche Francez, e o Capitão Rodrigo de Moura Coutinho) livres do grande perigo que os ameaçava. Deraõ noticia

*Ação da Condessa de Castello-Melhor.*

Elle ad Conde alguns prisioneiros, que no lugar de Linhares se alojavaõ duzentos Infantes: mandou ao Sargento mór Roquemont com trezentos, e a Diogo de Mello com o resto das Companhias a atacar este lugar. Não teve duvida a empreza: porque os soldados andavaõ costumados a vencer. Entrou Roquemont as trincheiras, que o inimigo defendia, e degolando a mayor parte da guarnição, saqueou, e queimou Linhares, e retirou-se para Salvaterra.

Chegáraõ a Madrid as novas deste successo, e da fortificação de Salvaterra, e des huma, e outra noticia grande cuidado aos Ministros daquelle Coõa, considerando a Portugal, que imaginavaõ facilmente conquistado, author da guerra com repetidas felicidades em todas as Provincias. E como os Generaes costumaõ muitas vezes pagar as omissoens dos Principes, tirou El Rey Catholico o Prior de Navarra do governo de Galliza, e entregou-o ao Cardeal Spinola, Arcebispo de San Tiago. Aceitou elle o posto, parecendo-lhe facil manejar decorosamente taõ incompativeis exercicios, e vendo que lhe haviaõ entregue o governo, para que as Armas daquelle Reino melhorassem de fortuna, intentou, ganhando Salvaterra, restaurar em huma só empreza toda a opiniaõ perdida. Chegáraõ-lhe novos soccorros de Infanteria de Flandes, e grossas levas de Cavallaria. Com esta gente, e a melhor da Provincia, formou hum Exercito de dez mil Infantes, e mil Cavallos com todas as prevençoens necessarias, e a vinte e tres de Setembro ás sete horas da tarde se alojou á vista de Salvaterra. O Conde de Castello-Melhor teve noticia deste movimento taõ pouco antes de chegar o Exercito, que não pôde fazer mais prevençaõ, que dispor a gente, que tinha na Praça, para a defenõa das trincheiras. Não chegava o presidio de Salvaterra a tres mil Infantes, e cincoenta Cavallos, ausentando-se, e adoecendo o resto da Infanteria, que havia trazido áquella empreza, e faltando-lhe os mortos, e feridos nas occasioens passadas. Guarneceo o Conde as trincheiras, e repartio

Anno  
1643.

*Roquemont saquea Linhares.*

*Aloja-se o Cardeal Spinola cõ o Exercito á vista de Salvaterra.*

*Disposições do Cor. de para a defenõa.*

Anno  
1643.

os postos com grande diligencia, finalando os lugares onde deixava as muniçoens, fazendo varios Corpos dedicados para os soccorros das partes mais arriscadas, e animando os soldados a desprezarem os inimigos, e a se não perturbarem na confusão da noite, se o inimigo se resolvesse a atacar as trincheiras antes de chegar o dia, segurando-lhes nesta consideração a victoria, dizendo-lhes, com razão: „ Que a noite „ he mais favoravel aos defensores, que aos que as- „ saltão; porque aquelles seguraõ só hum lugar que „ tem certo para não errar os golpes, e estes cami- „ nhaõ por sitios não conhecidos, em que encontraõ „ tão perigosos accidentes, que os obriga a diminui- „ rem o ardor, e errar a execucao; e que além de „ stas razoens a memoria das victorias passadas lhes „ faria sem duvida desprezar o perigo presente; que „ feria facil de vencer, sendo o numero dos valorosos „ sempre menor que o dos covarde, e estes por na- „ tureza afeiçãoados ás emprezas que se intentaõ de „ noite costumando a não empenhar nellas as vidas, „ entendendo que não perdem a honra: que elle se „ não obrigava à assistencia de algum lugar, por as- „ sistir promptamente a todos; que naquella parte „ que o não achasse mandando, e defendendo as trin- „ cheiras, entendesse que estava em outra, onde o „ conflicto era mayor, e mais precisa a sua assisten- „ cia. A este tempo ja as sombras da noite occul- „ tavaõ o resplendor ao dia, e o Cardeal Spinola ex- „ hortava os seus soldados com a memoria do antigo „ valor dos Hespanhoes, dizendo: Que se nas acca- „ siõens passadas parecia que estava esquecido, não po- „ dia conhecer-se extinto, sendo a natureza a mes- „ ma; que lhes lembrava o damno, que se seguiria „ áquelle Reino, se os Portuguezes conservassem Sal- „ vattera, que ja contava como rendida, sendo ata- „ cada de tão valorosos soldados, ajudados do escu- „ ro, e confusão da noite, mais favoravel para os „ que assaltavaõ, que para os que eraõ investidos, „ porque aquelles para atirar tinhaõ as trincheiras por „ ponto.

ponto certo, aonde as ballas fariaõ sem duvida mortal emprego, e estes como para aceitar os golpes careciaõ de alvo pela falta de luz, sendo os tiros sem pontaria, cairiaõ as ballas sem effeito, e que vencida esta difficuldade, seria facil entrar as trincheiras, cedendo o menor ao mayor numero, e a rebelliaõ dos Portuguezes ao valor dos Castellanos. E que esperava. fazendo prisioneiro ao Conde de Castello-Melhor, segura-lo com prizoens taõ fortes, que naõ as rompelle com tanta facilidade como as de Cartagena de Indias. Seguio-se a estas palavras mandar aos soldados com mais resoluçaõ que disciplina, que atacassem as trincheiras. A noite, que costuma accrescentar os perigos que encobre, se encheo de estrondo com os tiros, de horror com as vozes, e de confusaõ com o assalto. Chegáraõ os Gallegos furiosamente ás trincheiras do primeiro alojamento, que o Conde de Castello-Melhor havia occupado, e foraõ taõ galhardamente rebatidos, que mortos huns, e feridos outros, suspendeã o primeiro impulso. Porém servio-lhes de incentivo o de que puderaõ usar como desengano, e multiplicando-se por ordem do Cardeal os soccorros, se esforçou o assalto desorte, que por muitas partes parecia contingente a victoria. Duquisnè, que havia ficado fóra das trincheiras para reconhecer os movimentos do inimigo, vendo que era necessario abrir caminho para entrar nellas, desmontou-se, acompanhando alguns soldados, rompeo pelos esquadroens ás cutiladas, e entrou dentro nas trincheiras ferido na cabeça, e naõ quiz valorosamente retirar-se sem se acabar a occasiaõ. O Conde acodia promptamente a todas as partes, soccorrendo humas com muniçoens, outras com soldados, e a todas com o exemplo do seu valor. Cresceo o vigor da contenda para a parte do Mosteiro de S. Francisco: porém resistia com grande actividade, e acordo o Capitãõ André da Costa, que defendia aquelle sitio, e montando o inimigo por varias vezes as trincheiras, de todas

Anno  
1643.

*Assalta o inimigo as trincheiras de noite*

*Ação valorosa de Duquisnè*

Anno  
1643.

todas tornou a retirar-se com grande estrago. Lançava-se muitas bombas, e granadas, e outros artificios de fogo, que davaõ ao valor com que se pelejava menos luz da que merecia. Os Gallegos, como ondas que perdendo a força se recolhem ao mar, e ajudadas das agoas tornaõ a accommetter as aréas, assim se retiravaõ quando eraõ rechaçados, e tornavaõ a montar as trincheiras, sendo soccorridos. Era passada a mayor parte da noite, quando o Cardeal se delibrou a applicar á empreza o ultimo empenho. Ordenou que se desmontassem os soldados de Cavallo, e fazendo emulaçãõ entre estes, e os Infantes, os mandou unidos, e competidores avançar por todas as partes. O Mestre de Campo Diogo de Mello, que havia escolhido para guaraceer huma meya lua, que cobria a entrada das trincheiras, pela achar, por menos reparada, peyor defendida, vendo crescer o perigo, ajudou excellentemente o valor com a arte: mandou sair fóra cincoenta mosqueteiros com ordem, que divididos em dous Corpos ao som de algumas caixas atacassem a retaguarda do inimigo; e que repetindo as cargas lhe accrescentassem o receyo, e a confusaõ. Foy esta ordem executada com tanto acerto, que os Gallegos entendendo que Monçaõ passava soccorro a Salvaterra, desenganados da empreza se retiráraõ, deixando a terra cuberta de mortos, e pedras de sangue, e toda a campanha de armas. Tanto que amanheceo, e se descobriãõ as Tropas confusamente formadas no Outeiro do Facho, pouco distante de Salvaterra, começou a jogar contra ellas a artilheria, que as obrigou a se retirarem com mayor damno, deixando mortos mais de trezentos soldados, e levando muitos feridos, entre elles o Mestre de Campo D. Fadrique de Valladares, oito Capitães, e outros Officiaes. De nossa parte ficáraõ quarenta mortos, e muitos feridos. Fez alto o Cardeal com o Exercito em Linhares, e mandou passar alguns soldados o Minho a tomar lingua. Foraõ sentidos em Monçaõ, montou promptamente em hum silhaõ a cavallo a

*Estratagemã de Diogo de Mello de que resulta a retirada do inimigo cõ grande perda.*

Con:

Anno  
1643.

Condessa de Castello-Melhor, sahio ao rebate com a guarnição da Praça, obrigou aos Gallegos a se retirarem sem levar lingua. O Cardeal, vendo desvanecidas as esperanças de ganhar Salvaterra, intentou passar o rio, e interpretar Valença. Foy sentido o rumor dos Gallegos, quando passavaõ o Minho, dos Religiosos da Ordem de S. Bento, do Convento de Gaifey, repicaraõ o sino, guarneceo-se a muralha de Valença, e vendo os Gallegos que eraõ sentidos, se retiraraõ. Com peyor successo empredeo o Cardeal ganhar Villa-Nova de Cerveira, situada sobre o Minho, seis legoas de Salvaterra, nobre Villa dos Viscondes de Ponte de Lima. Determinava o Cardeal fortificar Villa-Nova, e contrapezar o damno de Salvaterra. Para esta empreza prevenio quantidade de barcos, e mostrou que mandava atacar Lanhelas, termo da Villa de Caminha. Conseguiu com esta apparencia, que a gente daquelles Lugares acudisse a Lanhelas. Vendo lograda a primeira idéa, passáraõ dous mil e quinhentos Infantes com varios instrumentos de expugnação á meya noite o rio Minho nos barcos, que estavaõ prevenidos na parte que chamaõ a barca de Gayaõ, encuberta de Villa-Nova com huma ferra, que lhe fica diante. Sentiraõ as sentinelas os barcos, tocáraõ arma, acudio com diligencia Gaspar Mendes de Carvalho, Capitão mór de Villa-Nova, levando consigo duas Companhias de Infanteria, e entendendo que os Gallegos vinhaõ buscar hums barcos de materiaes, que hiaõ para Salvaterra, acudio á parte onde estavaõ. Quando chegou, aindaque reconheceo que o perigo era mayor do que suppunha, não quiz retirar-se: o que não fizeraõ os seus soldados; porque o deixáraõ só com hum Sargento de conhecido valor. Desprezou Gaspar Mendes o risco, a que estava exposto, e com hũa espada, e hum broquel se metteo entre os Gallegos ás cutiladas. Vendo elles quanto era merecedor de mais dilatada vida, lhe offerecêraõ muitas vezes quartel, que não quiz aceitar, e depois de dar, e receber muitas feridas cahio morto, e o Sargento fi-

*Desvanecem-se os intentos do Cardeal.*

*Morte valerosa de Gaspar Mendes.*

COU

Anno  
1643.

*Affaltaõ os Gal-  
legos Villa No-  
va, e retirãõ-  
se.*

*Perdem huma  
barca.*

cou prifoneiro. Lograraõ seus filhos grandes mercês del'Rey por premio desta fineza. O inimigo naõ achando outra opposiçaõ, marchou para Villa Nova. queimando no caminho o pequeno lugar das Cortes. Em Villa Nova succedeo no governo a Gaspar Mendes Manoel de Sousa de Abreu, o qual com todo o cuidado, e diligencia recolheo dentro do muro a gente, e roupa do Arrabalde, e preparou para a defenfa tudo o que em taõ poucas horas se podia prevenir. Chegaraõ os Gallegos á Villa ao romper da manhaã de viate e cinco de Setembro; achando varias as casas do Arrabalde puzeraõ fogo a algumas dellas, e intentando por muitas vezes arrimar ás muralhas as escadas que levavaõ, as experimentaraõ em seu damno taõ bem defendidas, disparando os homens as armas com grande effeito, e despedindo as mulheres pedras, e vigas, que se retiraraõ todas as vezes que investiraõ. Desconfiados da empreza, e obrigados das vozes dos de Villa Nova, que lhes diziaõ que aguardassem o soccorro de Salvaterra, que naõ podia dilatar-se, tentaraõ ultimamente a fortuna com hum furioso affalto: porẽm sendo com mayor valor rebatidos, voltaõ as costas taõ confusamente, deixando as escadas, e os mais instrumentos, que animados alguns paesanos; que haviaõ ficado fóra da Villa, a que se uniraõ outros de Lanhelas, carregaraõ desorte a retaguarda, que além de matarem muitos Gallegos, fizeraõ logo trinta e cinco prifoneiros. Cresceo o numero da nossa gente, ocodindo de Coura com alguma o Capitaõ Francisco Rebello de Sousa: e sahindo de Villa Nova o Capitaõ Manoel de Sousa de Abreu com toda a guarniçaõ, todos apertaõ desorte os Gallegos, que entre mortos, feridos, e prifoneiros perdẽraõ quinhentos homens, e fez mayor a desgraça huma peça de artilheria que Manoel de Sousa de Abreu mandou vir da Villa, que metteo no fundo huma barca cheia de gente. O Conde de Castello Melhor tanto que teve noticia que o inimigo marchava para aquella parte, despedio algumas Companhias de soccorro, que chegãraõ

Anno  
1643.

ão depois dos Gallegos passarem o rio. Pedirão elles  
 permissão para enterrarem os mortos, que se lhes  
 concedeo com grande, e merecida jaſtancia dos que  
 haviaõ sido caua deste damno. Naõ podiaõ tolerar os  
 Gallegos ver que crescia a fortificaçaõ de Salvaterra,  
 que ameaçava áquelle Reino moleitia continua. Este  
 cuidado os obrigava a inquietar, quanto lhes era pos-  
 sivel, áquelle presidio. Marchãraõ tres Tropas com o  
 fim de reconhecerem a fortificaçaõ de Salvaterra. Sa-  
 hiraõ algumas pessoas particulares a cavallo, levando  
 dez moqueteiros, que lhes segurassem a retirada: em-  
 penharaõ-se deõrte, que se achãraõ cortados; investio-  
 os o inimigo, valeraõ-se de hum sitio aspero, e  
 defenderãõ-se com tanto valor, que deraõ tempo a  
 que Duquisné, e Roquemont sahisse a socorrê-los;  
 que obrigãraõ os Gallegos a se retirarem, justamente  
 admirados da constancia de taõ poucos Portuguezes.  
 O Cardeal, vendo que naõ podia conseguir a empre-  
 za de Salvaterra, mandou levantar hum reducto no  
 lugar da Salgosa, meya legoa desta Praça para a par-  
 te de Levante junto ao rio Minho. O Conde de Ca-  
 stello-Melhor, tendo por perigosa esta visiohança, or-  
 denou ao Mestre de Campo Diogo de Mello, que  
 marchasse com dous mil Infantes a atacar este redu-  
 cto: sahio elle de Salvaterra, e dispondo com boa dis-  
 ciplina a gente que levava, chegou ao reducto, de  
 que era Cabo o Mestre de Campo Belchior de Ulhoa  
 com as melhores Companhias do seu Terço. Tanto que  
 deo vista dos nossos soldados, fez sahir tres Compa-  
 nhias, que se emboſcãraõ em hum valle cuberto, e se-  
 guro: deraõ algumas cargas com pouco effeito, e reti-  
 rãraõ-se para o reducto a tempo, que já a nossa gen-  
 te o avançava por todas as partes, e taõ animosamen-  
 te, que o entrãraõ, a pezar da resistencia. Salvou-  
 se o Mestre de Campo, e ficãraõ prisioneiros dous Ca-  
 pitães, e parte dos soldados. Desmantelou Diogo de  
 Mello o reducto, e entrou por Galliza, saqueou, e  
 queimou seis lugares muito abundantes, e ricos. Vin-  
 do retirando-se achou na Salgosa quatrocentos Cavallos  
 do

Ganha-se o  
Reducto.



Anno  
1643.

*Governa Galliza o Marquez de Tavora.*

do inimigo; guarnecco alguns vallados, que lhe se-  
guavaõ a marcha, e continuoua. Antes de chegar  
a Salvaterra, lhe chegou aviso do Conde de Castel-  
lo Melhor, de que o inimigo havia passado a pon-  
te de Filhãboa, e que o aguardava com o resto das  
suas Tropas. Achava-se Diogo de Mello defronte de  
Monção, em o lugar de Alcubã, mandou com toda  
a diligencia a Antonio de Queirós Mascarenhas, e a  
Rodrigo de Moura, que com as suas Companhias  
guarnecessem huns vallados, por onde o inimigo for-  
çosamente havia de passar. Marchou com toda a gen-  
te a buscar a margem do rio, e tanto que a conse-  
guio, veyo retirando as mangas pelos sitios mais as-  
peros, e segurando todos os que o inimigo podia  
occupar em seu damno; e com esta bõa ordem che-  
gou a Salvaterra sem os Gallegos se atreverem a in-  
vesti-lo. Neste tempo entrou a governar as Armas  
de Galliza o Marquez de Tavora, alliviando deste  
pezo o Cardeal Spinola, de que desejava ver-se li-  
vre, assim pelas desgraças succedidas, como por ou-  
tros respeitos que pertenciaõ á sua Dignidade. Cor-  
rendo o Marquez a fronteira, e chegando ao redu-  
cto da ponte Filhãboa, teve noticia, que duas Com-  
panhias de Infantaria nossas davaõ comboy a alguns  
paizanos, que cortavaõ lenha. Eraõ ellas as dos Ca-  
pitães Antonio de Queirós, e Antonio Ferreira. Man-  
dou fair tres, carregátaõ estas duas, e depois de  
larga contenda, obrigátaõ ás tres a se irem retiran-  
do. Reforçouas o Marquez com outras tantas, ce-  
deraõ as nossas, e vieraõ pelejando até as trinchei-  
ras de Salvaterra. O Conde reconhecendo a desigual-  
dade, e o valor das duas Companhias, mandou fair  
quatro a foccorrê-las: pelejáraõ de huma, e outra  
parte largo espaço, caindo de ambas muitos mor-  
tos, e feridos; ultimamente se retiráraõ os Galle-  
gos, e os nossos soldados os seguiráõ até o redu-  
cto, e a noite apartou a contenda. O Marquez de  
Tavora tratou com grande cuidado de reforçar as  
guar-

guarniçoens, e de pedir novos foccorros: porém como era o fim de Dezembro parou a guerra sem a fortuna mostrar ao Conde de Castello. Melhor rosto contrario.

Anno  
1643.



INDICE

PLATE I. FIG. 1. 187

187

PLATE I. FIG. 1. 187  
The first figure is a drawing of the  
specimen, showing the general  
outline and the position of the  
parts. The second figure is a  
drawing of the same specimen,  
showing the details of the  
parts. The third figure is a  
drawing of the same specimen,  
showing the details of the  
parts.



INDICE



# INDICE

DAS ACCOENS HEROICAS,  
que se contêm nos seis Livros  
desta primeira parte, To-  
mo primeiro.

## A

<b>A</b> Bbade de Bouro entra em Galiza, oppoem-se-lhe os Galegos, peleja e vence.	273.
Acção valerosa de duas senhoras em Lisboa no dia da Acclamação.	107.
Acção prudente de Isabel Rainha de Inglaterra.	229.
Acção varonil da Condeça de Castello Melhor.	448.
Acclamação d'El Rey Dom João IV em Lisboa, af-sentaõ os confederados a forma, e tempo da execu-ção della.	106.
Dasle-lhe principio accommettendo o Paço.	107.
Publica-se pela Cidade.	111.
Confirmaõ a os Desembargadores.	112.
D. Affonso o Catholico foy o primeiro que emprendeo a conquista de Portugal.	5.
D. Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal, e seu Elogio.	6.
D. Affonso II, e seu Elogio.	7.
D. Affonso III, e seu Elogio:	8.
Tom, I.	FF
	D. Af.

D. Affonso IV, e seu Elogio.	Ibid.
D. Affonso V, e seu Elogio.	9.
Affonso de Albuquerque Heróe insigne de Portugal.	11.
D. Affonso de Menezes acclama El Rey D. João, e ganha na sala dos Tudescos as alabardas.	107.
D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso procura com outros fidalgos aplacar o Povo de Evora.	69.
Elegeo o El Rey D. João Conselheiro de Estado.	124.
Nomea o El Rey Capitão General do Reino.	219.
Passa a Alemtejo, elege Elvas para Praça de Armas.	1b.
Conferencia que tem com Mathias de Albuquerque.	228.
Chama o El Rey á Corte,	231.
D. Agostinho Manoel ajuntá-se á conjuraçãõ do Arcebispo Primaz.	298.
Sua prizaõ.	303.
He sentenceado á morte.	314.
Forma da execuçaõ.	317.
Alcobaça, Lugar de Entre Douro e Minho, he queimado pelos Gallegos.	268.
Alconchel, Villa de Castella, he saqueada pelos Portuguezes.	361.
He sitiada pelo nosso Exercito.	429.
Rende-se o Castello, e guarnece-se.	431.
Aldea da Ponte, na Beira, he ganhada pelos Castelhanos.	380.
Aldea do Bispo, no Partido contrario á Beira, he ganhada pelos Portuguezes.	381.
Alemtejo, primeira Provincia de Portugal: disposições para a guerra, e successos do anno de 1641, governando-a o Conde do Vimioso.	219.
Successos do anno de 1642, governando-a Martin Affonso de Mello.	351.
Successos do anno de 1643, em que sahio o nosso Exercito em campanha.	415.
Santo Aleixo, Aldea em Alemtejo, defende-se valerosamente dos Castelhanos.	248.
Algarve, Reino unido á Coroa de Portugal: alterações dos Povos.	75.

I N D I C E.

Castigo dos amotinados.	461
Defune-se da Coroa de Castella, e dá obediencia a ElRey D. Joaõ.	83.
Alteração do Povo com a noticia de se querer eleger ElRey de Castella.	117.
Alteração do Povo de Lisboa por causa dos Fidalgos que fugiraõ para Castella.	20.
Diligencias com que se applaca.	133.
Alterações de Evora por causa dos tributos.	134.
Excessos dos amotinados.	67.
Diligencias para o socego.	68.
Extravagante proposta, que o Conde Duque manda fazer aos Povos.	70.
Castigo dos amotinados.	80.
D. Alvaro de Abranches accommette o Paço acclamando ElRey D. Joaõ.	82.
Entra na Camera, pega na Bandeira da Cidade, e sahe por ella acclamando ElRey.	108.
Toma posse do Castello de Lisboa.	111.
Passa á Beira por Governador das Armas, corre a Provincia, e poem-na em defensa.	114.
Manda a Nave-fria tomar satisfação da prizaõ de hum paizano.	283, e 284.
Amareleja, Lugar de Alemtejo: escaramuçaõ nelle os Castelhanos.	285.
He saqueado.	234.
Fr. Ambrosio do Espirito Santo Confessor do Conde de Castello Melhor em Indias ajuda com industria à fugida do Conde.	235.
Foge com o Conde.	193, e seg.
Premio que ElRey D. Joaõ lhe dá.	196.
André de Albuquerque Capitão de Infantaria em Alemtejo, desbarata os Castelhanos em Albuquerque.	198.
Passa a Mestre de Campo.	352.
Angola, Reino na Costa de Africa Austral dá obediencia a ElRey D. Joaõ.	416.
Interprendem os Hollandezes a Cidade de S. Paulo de Loanda.	144.
	331.

- D. Antaõ de Almada , ajuntaõ-se em sua casa alguns Fidalgos , e fazem conferencia sobre a Acclamação d'ElRey D. Joaõ. 95.
- Acclama ElRey , e sobe ao quatto da Duqueza de Mantua. 109.
- Vay por Embaixador a Inglaterra , ajusta a paz , e volta para Lisboa. 163.
- Antiguidades do Reino de Portugal. 4.
- D. Antonio Prior do Crato pertendente da Coroa , e seus fundamentos. 13.
- He acclamado em Santarém , entra em Lisboa , prepara-se para se oppôr ao Exercito d'ElRey de Castella. 22.
- Marcha a Belém , retira-se a Alcantara , he desbaratado na Ponte. 31.
- Passa a França. 35.
- Entra em Portugal com hum Armada Ingleza. 41.
- Morre em Pariz. Ibid.
- Antonio de Mello de Castro avança o Paço , e ganha o Corpo da guarda acclamando ElRey D. Joaõ. 107.
- Antonio de Saldanha acclama ElRey D. Joaõ em Lisboa. 108.
- Passa á Ilha Terceira , e volta a Lisboa com duas navetas da India. 143.
- Antonio Telles de Menezes he eleito General da Armada na mesma noite em que chegou da India. 158.
- Antonio Telles da Silva acclama ElRey D. Joaõ , e ferido em hum braço accõmette a casa de Miguel de Vasconcelios. 108.
- Governa a Bahia. 411.
- Antonio de Azevedo Capitaõ de Infantaria em Indias he persuadido de Pedro Jaques para a empreza do Conde de Castello Melhor. 188.
- Descobre o trato , e accusa os cumplices. Ibid. e seg. Seu miseravel fim. 122.
- Antonio de Queirós Capitaõ de Aventureiros em Entre Douro e Minho , avança as trincheiras de Salvaterra , entra a Villa , investe as trincheiras

I N D I C E.

ra: da Fortificação , e renda: a.	463
Faz retirar o inimigo de Salvaterra , intentando ganhalla.	445.
Antonio Mexia Capitaõ da Ordenança em Campo Mayor corresponde: se com os Castelhanos , naõ he admittido seu trato.	448.
Seu falso trato , enganando ambos os partidos.	229.
Intenta acreditar sua fidelidade.	247.
Sua prizaõ , e morte.	355.
Antonio Moniz Barreto levanta: se no Maranhãõ contra os Hollandezes.	356.
Ganha o Forte do Calvario , derrota os Hollandezes , e sitia a Cidade.	411.
Arcebispo de Braga : veja D. Sebastiaõ de Matos de Noronha.	412.
Arcebispo de Li boa fomenta a empreza da Acclamaçaõ.	102.
Sahe da Sé no dia da Acclamaçaõ , acclamando El-Rey , e desprega o Christo o braço.	111.
He eleito Governador em quanto ElRey naõ chegava a Lisboa.	112.
Elige o ElRey Ministro para o despacho de todos os dias.	124.
Arca , e contracto , nome que se deo a huma maravilhosa industria para conservaçaõ da Cavallaria.	218.
Armada Hollandeza que interprende a Bahia.	52.
Armada de Portugal para a restauraçãõ da Bahia.	53.
Armada de Hollanda sobre Pernambuco.	56.
Armada de Castella derrotada pelos Hollandezes.	87.
Armada de Hollanda entra em Lisboa com soccorro.	328.
Recontro que tem com a de Castella.	330.
Discursos sobre se deter a Armada em Lisboa pela cavilaçaõ dos Hollandezes.	344.
Armada Hollandeza contra Angola.	330.
Armada Hollandeza contra o Maranhãõ.	335.
Armada da Costa no anno de 1642.	410.
Armadas de Portugal , e Castella para a restauraçãõ de Pernambuco.	591.



Armadas de Portugal , e Castella para a restauração de Pernambuco.	61.
Armadas de Portugal , e de França a interprendre Cádiz.	326.
Arzilla entrega-se a ElRey de Marrocos.	39.
Ayres de Saldanha accommette o Paço acclamando ElRey D Joaõ.	108.
Faz confirmar a Acclamação pelos Desembargadores.	112.
Segura-os do perigo da Cidade, acompanhando-os até suas casas.	Ibid.
Soccorre Campo Mayor , governa a Praça , e fortifica-a.	248.
Manda huma partida a Villar d'ElRey , successos della, e de outras Tropas.	249.
Perigo que teve em Valverde.	252.
Derrota a Tropa de Villar d'ElRey.	253.
Arma á guarnição de Albuquerque , desbarata os que acodem ao rebate.	352.

## B

<b>B</b> Ahia , sua descripção , he ganhada pelos Hol- landezes.	52.
Sua restauração.	53. e seg.
Sitição a os Hollandezes.	61.
B. llaro Heróe insigne Portuguez.	11.
Balthazar Teixeira Capitaõ mór em Traz os Mon- tes sujeita á obediencia d ElRey-oito Lugares de Gaiza.	272.
Queima Villa Mayor.	278.
Queima tres Lugares grandes aos Galegos.	279.
Rende o Lugar de Medeiros.	281.
Barrancos , Lugar em Alemtejo , arraza-se pela in- fidelidade de seus moradores.	234.
Baúcio Capeto Heróe insigne Portuguez.	11.
Beira , quarta Provincia de Portugal, successos do anno de 1641 , governando-a Dom Alvaro de	de

I N D I C E.

de Abranches.	465
Successos do anno de 1642, governando Fernão Telles de Menezes.	283.
Brandilhaens, Lugar fortificado na Raya de Traz os Montes, he ganhado pelos Portuguezes.	374.
Braz Nunes Caldeira, acção valerosa que faz em Roma.	283.
Brasil, Estado Vastissimo na America, successos da guerra com os Hollandezes do anno de 1641.	175.
Successos do anno de 1642, Governando Antonio Telles da Silva.	330.
	411.

C

<b>C</b> ampo Mayor, Praça de Alemtejo, intentaõ os Castelhanos interprendella.	229.
Degollaõ os Castelhanos alguns Soldados desta Praça.	235.
Damno em Campo Mayor por não pelejarem os Hollandezes.	362.
Capitulos que ElRey D. Philippe jurou ao Reino.	34.
Cardial D. Henrique succede no Reino.	11.
Inclina'le á Casa de Bragança para a successaõ do Reino.	14.
Chama a Cortes, e nomea Governadores, e Juizes.	16.
Muda de opiniaõ, determina eleger D. Philippe, e manda propôr á Duqueza de Bragança condiçoens para desistir.	17.
Sua morte, e clausulas de seu testamento.	21.
Cardial Alberto Governador de Portugal.	38.
Liberdade generosa que com o Cardial teve o Padre Luiz Alvares da Companhia de Jesus.	40.
Cardial Riario Legado a ElRey sobre o Reino de Portugal.	32.
Cardial Richilieu Ministro Mayor de França dá audiencia aos nossos Embaixadores.	162.
Sua morte.	406.
Cardial Massarino succede ao de Richilieu.	Ibid.

Cardial Spinola chega com Exercito sobre Salvaterra,	449
Exhorta os Soldados, e assalta a Praça de noite,	451.
Retira-se com grande perda,	452.
Assalta Villa Nova, e retira-se com mayor perda.	454.
Faz levantar hum reduto meya legua de Salvaterra, ganhaõ-lho os Portuguezes.	455.
D. Carlos de Noronha acclama El Rey D. Joaõ.	109.
Sobe ao quarto da Duqueza de Mantua; palavras resolutas que lhe diz.	110.
Carta da Duqueza Dona Catharina ao Cardeal D. Henrique.	18.
Carta do Duque de Caminha a El Rey D. Joaõ.	311.
Carta a El Rey do Cardeal Richilieu com prudentissimos conselhos.	322.
Carta ao Emperador do Senhor Infante D. Duarte.	207.
Cartas a El Rey do Inquisidor Geral.	305.
Carta a El Rey do Arcebispo de Bragã.	37.
Castelhanos, excessos com que trataraõ ao Colleiitor.	87.
Imprudencia dos que estavaõ de presidio no Castello de Lisboa.	
Discursos dos Castelhanos sobre a conquista de Portugal.	128.
Segunda mostra dos Castelhanos em Alemtejo.	224.
Rompem duas Companhias em Olivença.	226.
Disposicoens com que atacaõ Olivença.	229.
Poem fogo ás sementeiras.	230.
Excessos crueis, e sacrilegos dos Castelhanos.	232.
Retiraõ-se derrotados.	233.
Queimaõ Talega, e Olor.	237.
Degolaõ alguns soldados em Campo Mayor.	253.
Correm a campanha de Campo Mayor, e Arronches com mão successo.	240.
Interprendem a Aldea de Santo Aleixo com muito grande perda.	248.
Degolaõ duas Companhias de Castello de V de, e entraõ o lugar de Ferreira.	367.
Artificiosa composiçaõ na Beira sobre o rompimento da guerra.	376.
Ganhaõ Aldea da Ponte, e queimaõ outros Lugares.	380.
Der:	

I N D I C E

467

Derrotaõ o Capitaõ Diogo de Toar , e huma Tro- pa de Alfayates.	387. e seg.
Crueldade que usaõ com os rendidos de Almofalla,	389.
Attacaõ Escalhaõ , e retirãõ se com perda.	390.
Recontro dos Castelhanos com D.Sancho.	392.
Castello de Lisboa entrega-se com ordem da Duque- za de Mantua.	114.
Castello de Elges rende-se aos Portuguezes.	377.
Castello de Ouguella he avançado dos Castelhanos que se tiraõ.	353.
Castellos de Viana, e Setuval rendem-se aos mora- dores destas Villas.	117.
Catalunha tuas alteraçõens.	92.
Castigo de Cambiz.	93.
Exercito de Castella sobre Barcelona , e ataque de Monjuic.	158.
Embaixada de Catalunha a Portugal.	160.
Donª Catharina Duqueza de Bragança pertendente do Reino , e fundamentos de su justiça.	13.
Reposta de huma propoita que lhe fez o Cardeal D. Henrique.	18.
Chega a Almeirim a fallar ao Cardeal.	20.
Generosa resposta da Duqueza a El Rey Philippe in- tentando casar com ella.	38.
Mostra a mesma constancia , visitando a E Rey,	Ibid.
Catharina de Medicis Rainha de França pertendente da Coroa.	13.
Causas de se romper guerra entre França, e Castella.	74.
Cezinando Rodrigues Juiz do Povo de Évora he cau- sa da alteraçãõ.	67.
Propoita extravagante que se lhe faz.	8.
Seu castigo.	82.
Ceilaõ : successos da guerra que os Hollandezes fize- raõ nesta Ilha.	341.
Poem sitio os de Ceilaõ á Fortaleza de Gale.	414.
Cheles he ganhado pelos Portuguezes.	363.
Christina Rainha de Suecia , e seu Elogio.	171.
Ajusta-se a paz, e manda soccorro a El Rey D. Joãõ.	172.

Christo

Christo despregá o braço na Acclamaçaõ.	III.
Ciumes dos Castelhanos da Casa de Bragança.	44.
Codiceira, Lugar entre Albuquerque, e Arronches, he queimado pelos Portuguezes.	359.
Compendio do que se escreve nesta Historia:	3.
Compostella Villa de Galiza he queimada com algumas Aldeas.	273.
Conde Dom Henrique, e feu Elogio.	6.
Conde do Sabugal, acçaõ generosa que faz.	64.
Conde de Linhares tem differenças com Diogo Soares.	76
Proposta que faz aos Povos de Portugal para socego dos alterados.	79.
Effeitos de sua ira.	81.
Conde de Nasáo Governador dos Hollandezes em Pernambuco, seus progressos naquella Provincia.	60.
Posm sitio á Bahia de que se retira com perda.	61.
Conde da Torre General da Armada para Pernambuco, e successos della.	61.
Persuade estando prezo na Fortaleza de Saõ Giaõ ao Tenente della a que a entregue.	118.
Passa a Alemtejo a reformar o Exercito	368.
Conde de Obidos General da Artilharia no Brasil.	62,
Elege o ElRey Governador das Armas de Alemtejo.	369.
Conde de Monte Rey Governador das Armas Castellhanas resolve se a atacar Olivença.	229.
Fórma bateria, dá hum assalto, e retira se com perda.	231.
Intenta Elvas; retira se com perda.	242.
Interprende segunda vez Olivença, retira se com grande perda.	244, e 245.
Retira se do Governo.	247.
Conde de Aveiras Viso Rey da India, disposicoens do feu Governo.	340.
Conjuraçaõ contra ElRey, e pessoas della.	294.
Conquistas de Portugal saõ excluidas na Tregoa de Castella com Hollanda.	43.
Dá obediencia a ElRey Dom Joaõ.	135.